

# am

AVE MARIA — REVISTA MENSAL — ANO LXXXIX  
Nº 3 — M.F.ÇO 1988 — Cz\$ 50,00



**URGÊNCIA DE GRANDES DECISÕES**

**Campanha da Fraternidade — 88**

**PEDAGOGIA DAS PROVAÇÕES**

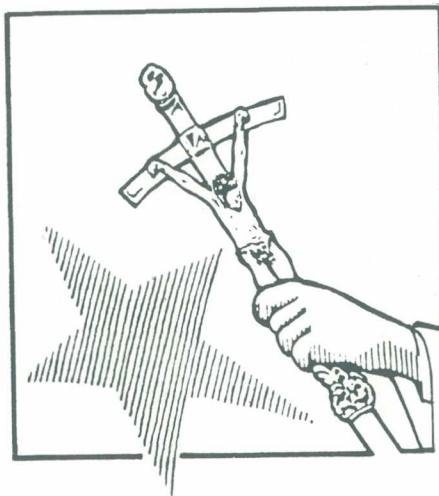
# Discurso de João Paulo II sobre a Campanha da Fraternidade de 1988

Amados irmãos e irmãs em Jesus Cristo. Queridos Brasileiros.

Saúdo-vos cordialmente, neste encontro, já tradicional, *de início da Quaresma*, exortando-vos à penitência, que produza em todos frutos de vida mais cristã e de caridade mais efetiva.

A Quaresma deve marcar a vida pessoal de cada batizado e das comunidades, mediante a escuta da Palavra, a reflexão, a oração e a renúncia, para uma resposta generosa ao apelo de Deus. Esta Quaresma no *Ano Mariano* vai decorrer sob o olhar maternal de Nossa Senhora, Mãe de Jesus, o Salvador. Ele quis ser identificado nos pobres e naqueles que sofrem ou são perseguidos. Em Cristo tornou-se visível a misericórdia de Deus e o seu desígnio de que os homens todos formassem uma só família, tratando-se uns aos outros com amor fraterno: "Vós sois todos irmãos" (Mt 23,8).

*Abre-se hoje mais uma Campanha da Fraternidade*, na Igreja que está no Brasil, empenhada na sua missão de evangelizar, contribuindo para a promoção humana, por caminhos convergentes, guiada pelos seus Pastores. A Campanha visa a animação pastoral da Quaresma, centrada no tema "A Fraternidade e o Negro". Trata-se de larga faixa da população brasileira, da comemoração neste ano da chamada "Lei Áurea" e de problemática que merece solicitude pastoral, inspirada por critérios evangélicos. Neste campo, a Igreja repetiu a sua doutrina de sempre, no Concílio Vaticano II, nomeando, entre uma série de "coisas infames", a *escravidão*, contrária ao Evangelho, que anuncia e proclama a liberdade para todos os homens,



sem exceção; e explica que a escravidão tem a sua origem última no pecado, onde têm origem também os fermentos de ódio e divisão, que alimentam os preconceitos radicais e se proliferam em situações conflituosas, em discriminações e marginalizações (GS 27,29). Ora, tudo isto é contrário aos direitos e deveres imprescritíveis da pessoa humana; e não deixa de fazer com que indivíduos, famílias e grupos se vejam preteridos, deixados à margem do caminho que leva ao desenvolvimento e bem-estar, por motivo de raça ou cor.

Como tenho feito alhures, quero aqui proclamar: Todos os homens e mulheres são iguais em dignidade, diante de Deus; e nas estruturas, não de dispor de acesso igual à vida econômica, cultural e social, participando realmente no Bem Comum. Todos os que procuram sincera e cristãmente contribuir para a solução de problemas neste âmbito, precisam dialogar, olhos nos olhos; e, recon-

ciliados, empenhar-se solidária e fraternalmente na obra pacífica da justiça do desenvolvimento do homem todo e de todos os homens, *no progresso*. Este não consiste na riqueza amada por si mesma, desfrutada só por alguns; mas, sim, na economia ao serviço do homem, no pão cotidiano, por todos granjeado e a todos distribuído, "como fonte da fraternidade e sinal de Providência Divina" (PP, 86).

*Não há distância e, menos ainda, oposição, entre a vontade de justiça e o amor ao próximo, com o amor a Deus sobre todas as coisas.* O importante é não olhar para trás, mas para a frente, dar a mão ao próximo (Lc 10,25), para caminhar juntos, como irmãos, no mesmo sentido: no sentido da *construção de uma sociedade mais justa e fraterna*, onde haja lugar para todos. Exorto-vos, irmãos e irmãs, a deixar-vos conduzir pelo Espírito de Deus, a romper com cadeias de pecado e egoísmo. Partilhai e dai, com espírito de solidariedade e generosamente, para que brilhe a vossa caridade e "vendo as vossas boas obras, todos glorificarão o vosso Pai que está no céu" (Mt 5,16).

Que nesta Quaresma, seguindo o exemplo e por intercessão de Maria, *Nossa Senhora Aparecida*, se fortifique a nossa fidelidade ao Senhor e a nossa vida testemunhe a obediência aos seus desígnios: "Vós sois todos irmãos!" Com esta prece, pela *comunidade multirracial do Brasil*, envolvendo em igual estima a todos, vos abençôo: em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém. ●

**am**  
**avemaria**

Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob n.º 221 689, no SEPJR sob n.º 50, no RTD sob n.º 67, e na DCDP do DFP, sob n.º 199. P. 209 / 73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS n.º 14 696)

Administração: Hely Vaz Diniz

Arte: Roberta Masciarelli (direção), Rubens Barboza e Nelson Veríssimo (assistentes)

Preparação e revisão: Lupércio E. de Oliveira

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 — (Vila Buarque — CEP 01226) — São Paulo.

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54 215 (CEP 01227) — São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista Ave Maria. — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinatura são feitas por banco ou correio.

Preços: números avulsos: Cz\$ 50,00; assinatura nova e renovação: Cz\$ 500,00; assinatura de benfeitor: Cz\$ 1.000,00.

Capa: foto de Arsênio Hypolito Jr.



# Nota incômoda

Existe corrupção no Brasil?

Se esta pergunta for feita a todos os brasileiros, certamente uma gritante maioria dirá que sim, tal a quantidade de denúncias já feitas pelos meios de comunicação durante esses últimos anos.

Em recente nota da presidência da CNBB, intitulada “Urgência de grandes decisões”, os bispos do Brasil mais uma vez se pronunciaram diante do clima moral atual.

O documento é um alerta à sociedade brasileira sobre a seriedade da crise que nos envolve e é um apelo à responsabilidade de todos, particularmente do governo, diante da deterioração em que se encontra a sociedade, agora, mais do que nunca, com sentimentos de frustração, diante da corrupção generalizada e da impunidade. Além disso, é geral a decepção com a Constituinte, na qual grupos políticos egoisticamente vão fazendo arranjos, esquecendo ou colocando em segundo plano o aspecto social.

Diante da nota da CNBB o presidente da República, José Sarney, respondeu pessoalmente pedindo a colaboração da CNBB para “precisar fatos e pessoas para que melhor possa coibi-los e puni-los”. Seria tão difícil assim para o governo, que dispõe de tantos recursos técnicos e profissionais e até do SNI, apurar os fatos e pessoas envolvidas em corrupção?

O fato é que esta troca de cartas provocou uma audiência especial na qual a CNBB repetiu os pontos da nota anterior e reafirmou sua postura diante da situação política e econômica atual. (Veja “Nota para audiência no Palácio”, p. 5.)

Interpretar que a Igreja recuou após o encontro com o presidente da República, como tem aparecido em alguns setores da imprensa, ou que a Igreja está se excedendo em assuntos políticos e econômicos que não lhe competem é, no mínimo, ignorar a consciência e responsabilidade que a Igreja tem: anunciar a Boa Nova da salvação; a fraternidade e a partilha para que ninguém seja explorado, no trabalho, aviltado em sua dignidade e escravizado na miséria.

O papa João Paulo II, falando ao povo brasileiro, por ocasião da abertura da Campanha da Fraternidade, reiterou esta postura eclesial. “Quero proclamar, disse, em toda pátria e, ainda mais, dentro da mesma pátria todos os homens e mulheres são iguais em dignidade diante de Deus e as estruturas não de dispor de acesso igual na vida econômica, cultural e social”.

Se alguém, ou alguma estrutura e sistema impedem que o ser humano seja respeitado em sua dignidade e em seus direitos, quer por falta de verdadeira democracia, quer por falta de seriedade administrativa de governos, é missão e dever da Igreja denunciar. A Igreja tem consciência e o dever de “pregar a Palavra, insistir oportuna e importunamente” (II Tm 4, 2).

P.C.G.

## SUMÁRIO

- |                                 |   |   |
|---------------------------------|---|---|
| 4. URGÊNCIA DE GRANDES DECISÕES | 18. PEDAGOGIA DAS PROVAÇÕES                               | 27. COLUNA DO MENOR                           |
| 6. CAMPANHA DA FRATERNIDADE     | 20. A QUARTA CRUZ   | 28. A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA |
| 11. ESPAÇO PARA MARIA           | 21. VIDAS PARALELAS                                       | 31. RELENDO A BÍBLIA                          |
| 12. ANO MARIANO                 | 22. CPI NO CONGRESSO INVESTIGARÁ MASSACRE EM SERRA PELADA | 32. LIVROS RECEBIDOS                          |
| 15. PÁGINA DO CATEQUISTA        | 23. CIDADES DO MEU BRASIL                                 | 33. QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!                    |
| 16. SER PROFETA HOJE            | 24. MEU LAR, MINHA ALEGRIA                                | 34. CASTIGO E RECOMPENSA                      |
|                                 | 26. ALCOOLISMO  | 36. A GRANDEZA DO CALVÁRIO                    |

# URGÊNCIA DE GRANDES DECISÕES

## *Nota da presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil sobre o momento nacional*

*Em recente nota intitulada "Urgência de grandes decisões", dirigida a 244 dioceses do país, a CNBB analisa a atuação do governo, os rumos que vêm tomando os trabalhos dos constituintes e o sentimento nacional de frustração diante da deterioração em que se encontra a sociedade: corrupção em todas as escalas inclusive dentro do governo, impunidade, lobbies dentro da constituinte, crescente marginalização, degradação dos padrões éticos e morais. "A CNBB apela para a responsabilidade de todos os cristãos", entendendo que há, ainda, reservas morais intactas no povo capaz de repudiar com veemência os projetos dos governos que não visem o bem social e o direito de todos.*

*A íntegra da nota:*

Estamos nos aproximando do prazo fatal para a definição dos destinos da nação.

Tudo depende das decisões que devem ser tomadas agora, no grave momento que atravessamos, porque amanhã será tarde demais. Não há mais tempo para ilusões. É preciso enfrentar a realidade.

Convivendo com o povo, em todos os seus estratos e segmentos, a Igreja tem uma visão desta realidade que nos leva, por dever pastoral, a alertar toda a sociedade sobre a seriedade da crise que nos envolve.

A situação social vem se deteriorando em ritmo acelerado, empur-

rando para uma crescente marginalização a grande maioria humilhada do povo.

O sentimento nacional é de frustração. Foram frustradas as esperanças que nasceram com o fim do ciclo militar, com a inauguração da transição democrática e com os planos de superação não inflacionária da recessão e do desemprego. A inflação não foi reduzida e ameaça escapar do controle. Caíram os investimentos produtivos e aumentou a especulação financeira. O desemprego não diminuiu e os salários reais se aviltaram. As categorias profissionais mais organizadas tentam defender-se, conseguindo vantagens que são logo repassadas às tarifas e aos preços, recaindo sobre o povo indefeso.

O senso moral e a consciência da responsabilidade cívica estão alarmantemente desgastados. A corrupção continua impune e protegida por uma tolerância que chega às raias da convivência. Como essa deterioração vem do alto, ela permeia toda a sociedade. Na falta de um gesto realmente significativo que demonstre ao povo não haver pacto possível com a corrupção, cai-se num imobilismo, com a degradação do senso de dignidade nacional e da capacidade de indignação ética.

É da frustração coletiva que se alimenta a cólera do povo. E não nos iludamos, a insatisfação popular poderá explodir e assumir proporções convulsivas de conseqüências catastróficas.

Não julgamos das intenções dos responsáveis pelo destino da nação. Não subestimamos o peso das dificuldades que eles enfrentam. Externamente, credores exigem o pagamento de dívidas unilateralmente majoradas. Internamente, pres-

sões dos grandes interesses econômicos, clientelísticos e corporativos bloqueiam as políticas de combate à recessão, à inflação, bem como impedem a superação da dívida interna e da enorme dívida social.

A gravidade da situação torna intolerável a distância entre a retórica e os fatos. O povo se sente traído. Estamos correndo o gravíssimo risco de fazer abortar as imensas esperanças depositadas na transição democrática. A sociedade — insuficiente e mesmo, por vezes, tendenciosamente informada — tem a impressão de que se faz a Constituição de costas para ela e receia que tenham sido inúteis seus esforços de apresentação de sugestões, de participação em audiências nas subcomissões, de assinaturas e defesa de emendas populares.

De fato, *lobbies* poderosos tentam fazer prevalecer seus interesses sobre os interesses do país. Criou-se um clima em que a compra de votos e a ameaça da perda de cargos e de mordomias servem a um fisiologismo político que perdeu o decoro e deve ser repudiado por todas as formas e com a maior veemência. Urge, portanto, apoiar toda medida sincera e eficaz que possa recuperar credibilidades fortemente desgastadas.

Contra a desesperança, entretanto, ainda é preciso e possível esperar. Existem reservas morais intactas num povo majoritariamente cristão, cuja constituição já está colocada sob a proteção de Deus. Entretanto, sem a recuperação de padrões morais e éticos, nenhum plano, nenhuma política, nenhuma Constituição terá forças para garantir ao Brasil o destino que ele merece.

Temos que saudar, com alegria,

a adoção do princípio de participação popular na ordenação da vida política do país e das instituições nacionais, no primeiro artigo da nova Constituição votado pelo Plenário da Assembléia Nacional Constituinte, atendendo as aspirações que viabilizem essa participação, tal como estavam contidos no projeto aprovado pela Comissão de Sistematização, permitindo ao povo participar diretamente das decisões que respondem aos seus anseios e promovem seus legítimos direitos.

Foi sob a alegação de um princípio majoritário que recentemente se fizeram mudanças regimentais. Essas mudanças podem, no entanto, retardar intoleravelmente a promulgação da Carta Magna e fazer desaparecer avanços importantes, fruto de um amplo e maduro entendimento entre as forças políticas mais sensíveis às aspirações das verdadeiras maiorias nacionais e de um inédito

e fecundo processo de participação da sociedade na elaboração constitucional. É preciso que este esforço de entendimento se mantenha à altura do momento constituinte, sem confundir-se com conchavos que resultariam em inaceitável retrocesso. Os capítulos da nova Constituição — dos Direitos Individuais à Ordem Econômica e Social e até as Disposições Transitórias — não podem ser o resultado de barganhas imediatistas e conjunturais, mas devem levar em conta o clamor do povo por reformas e mudanças profundas. Só assim a Constituição traduzirá um pacto da nação com seu futuro.

A questão do sistema de governo deve ser tratada com a maior responsabilidade, buscando soluções menos frágeis e menos permeáveis às crises que ameaçam a normalidade de nossas instituições democráticas. A duração do mandato presidencial e a fixação de datas pa-

ra as próximas eleições não podem ser tratadas sem levar em conta os anseios do povo por decisões que marquem o fim de uma transição e a legítima inauguração de uma nova etapa da vida nacional.

A Presidência da CNBB apela para a responsabilidade de todos os cristãos na hora que estamos vivendo e sugere que as Dioceses do Brasil divulguem amplamente o presente texto, para que os leitores conscientes tenham ainda tempo de fazer valer suas justas aspirações junto aos Constituintes que os representam.

Que Deus proteja o Brasil. ●

- + Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB
- + Paulo Eduardo Andrade Ponte, vice-presidente da CNBB
- + Antônio Celso de Queiroz, secretário-geral da CNBB

Brasília, 30 de janeiro de 1988. CNBB

## Nota para audiência no palácio

**1. Sentido da nota da presidência da CNBB.** A nota repete o teor dos documentos precedentes do Conselho Permanente da CNBB e do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC):

- denúncia, de modo veemente, do lamentável clima de corrupção que vem de longa data;
- a impunidade que protege a corrupção nos diversos níveis da administração;
- a deseducação popular como deterioração do senso moral;
- a necessidade de gestos expressivos em todos os níveis do governo para demonstrar a desaprovação deste clima e o compromisso com o bem comum.

**Quanto à apuração dos fatos,** o Governo dispõe de organismos específicos e competentes para investigar, julgar e punir os casos concretos de corrupção que ele mesmo reconhece existir. A impunidade não pode persistir.

**Sugere-se a constituição,** por iniciativa dos organismos governamentais competentes, **de uma comissão de alto nível** com representantes da sociedade civil para apuração das denúncias de corrupção e favorecimento administrativo. Esta comissão terá franqueadas portas e dossiês para apuração das denúncias que a ela forem apresentadas.

**2. Urgência da implementação das metas sociais, conforme anseios do povo:**

- o desapontamento com a Reforma Agrária;
- a insuficiência da política habitacional apesar de esforços recentes;
- a diminuição progressiva das aposentadorias e o inevitável acabrunhamento dos que se vêem desprotegidos, após uma vida de trabalho;
- a desproteção das populações indígenas diante do avanço das empresas de mineração, dos garimpeiros e da faixa excessiva de quilômetros requisitada pelo Projeto Calha Norte;
- a desproporção de leitos e hospitais nas grandes cidades para atendimentos cada vez mais numerosos.

**3. Necessidade de fortalecer a confiança do povo no processo da Constituinte:**

- superação de interesses grupais com perda de visão do bem comum;
- agilização da participação popular e respeito às justas expectativas suficientemente expressas nas emendas assinadas (instrumentos de participação popular, reforma agrária; direito dos trabalhadores, direito das famílias, defensoria do povo etc.);
- é indispensável, quanto antes, superar a visível insatisfação do povo.

**4. Afirmação da vontade da Igreja de assumir sua parte de responsabilidade pa-**

ra superação da crise econômica, social e política, numa hora em que se requer a colaboração das pessoas e instituições:

- recurso à oração e à conversão;
- recuperação de padrões éticos;
- viabilização de instrumentos de participação popular;
- formação da consciência cívica como expressão de dever religioso;
- colaboração constante para atitudes de promoção da justiça social, reconciliação de divisões e prossecução da harmonia e da concórdia social.

**• Quanto ao caso do Banco Ambrosiano** é preciso ter presente que o banco não é de propriedade da Sé Apostólica e tudo que o Poder Judiciário italiano determinou foi devidamente cumprido através das instâncias competentes do Estado do Vaticano.

**5. A nota da presidência da CNBB exclui julgamento das intenções** dos responsáveis pelo destino da Nação, reconhece o peso das dificuldades internas e externas que enfrentam e renova contra toda desesperança que é preciso e possível esperar. Para tanto, não hão de faltar reservas morais no povo, nem a proteção de Deus.

+ Luciano Mendes de Almeida  
Brasília-DF, 3 de fevereiro de 1988

# A FRATERNIDADE E O NEGRO

D. Luciana Mendes de Almeida



O objetivo desta campanha permanece o mesmo: aderir a Jesus Cristo, renovando o compromisso de viver em fraternidade. Este é o sinal mais autêntico do seguimento do Senhor: "Nisto saberão todos que sois meus discípulos; se vos amardes uns aos outros" (Jo 13, 35).

O Senhor Jesus Cristo veio nos ensinar que Deus é nosso Pai. Para Deus somos todos irmãos, temos a mesma dignidade. Ele nos ama com o mesmo amor paterno. E nós como vivemos a fraternidade?

O lema da campanha da Fraternidade, "Ouví o clamor deste povo", é uma convocação para percebermos que ainda existem muitas divisões, desigualdades e pre-

conceitos.

Nesta campanha da fraternidade, Deus quer que compreendamos melhor a dignidade da pessoa humana, que procuremos viver a igualdade entre todos nós, reconhecendo e assumindo, em especial, o valor e o merecimento dos brasileiros descendentes de raça negra. São os que mais trabalharam e sofreram para formar o nosso Brasil.

Temos todos que aprender a lição da história de nosso país, pedindo a Deus que nos perdoe pelas graves injustiças cometidas, e vivendo entre nós o perdão, a reconciliação e a justiça.

À luz do Evangelho, as comunidades vão se reunir nesta Campanha

da Fraternidade para rezar e reconhecer o valor, a coragem, as qualidades, a cultura dos brasileiros de descendência negra.

A Campanha da Fraternidade oferece a oportunidade de vencermos medos e preconceitos e crescermos todos na estima e no amor recíproco e de, juntos, nos comprometermos a construir uma sociedade fraterna segundo os ensinamentos de nosso Senhor Jesus Cristo e sob a proteção de Nossa Senhora Aparecida.

Para Deus somos todos irmãos.

sensacional  
novidade!

## NO ANIVERSÁRIO DA REVISTA AM QUEM GANHA PRESENTE É VOCÊ

Em maio, a revista *Ave Maria* completará 90 anos de existência, e, para comemorar essa data, a **AM** edições oferecerá gratuitamente o número "zero" do **ALMANAQUE AM**.

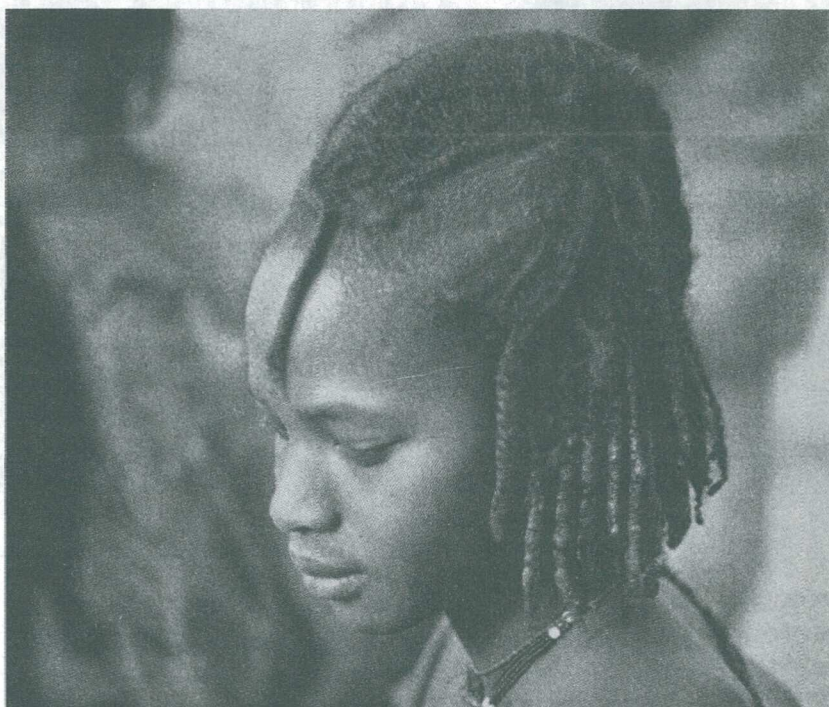
- O **ALMANAQUE AM** será publicado mensalmente com assuntos variados, todos do seu interesse, relativos aos acontecimentos de cada mês do ano.
- Ele terá 14 por 21 cm e 36 páginas em cores.
- Conterá assuntos importantes para o seu **LAR**, para o seu **TRABALHO** e para o seu **LAZER**, além de ser também um ótimo material de **PESQUISA ESCOLAR** para alunos e professores.

Aguarde! Faltam somente alguns dias para você receber seu presente!

# A Campanha da Fraternidade deve incluir a África

José Carlos Salvagni

*A África vai dar a volta por cima e surpreender o mundo*



Pode demorar um século. Mais. Ou, espero, bem menos.

A África vai dar a volta por cima na sua história moderna de escravidão, colonialismo e pulverização de pequenas repúblicas miseráveis e dependentes, e ocupar seu lugar ao sol. O futuro passa por lá!

Diante de uma análise do presente daquele continente, essa expectativa parece absurda. Os indicadores selecionados pelos analistas<sup>1</sup> apontam falta de rumos, miséria, fome, êxodo rural e urbanização acelerada, falta de recursos, falta de vergonha de governos e burocracias, ditaduras. No seu todo, como continente, ela tem que manter pelo menos 1.000 ministros, mais de 40 exércitos nacionais, mais de 40 diplomatas em cada capital importante do mundo.<sup>2</sup> Aparentam também uma espécie de decepção dos africanos com o pós-independência da maior parte dos países desde os anos 50.

Mas, como temos visto, a história do mundo tem derrubado os "futurólogos". A história da África vai driblar os indicadores... Tem tudo para isso.

---

## *A Campanha da Fraternidade e a África*

---

Não se pode falar da Abolição da Escravatura no Brasil, nem da situação atual dos descendentes dos escravos (que ainda lutam para se tornar cidadãos desse País, ao lado de milhões de não-africanos pobres), sem falar do passado, presente e das perspectivas futuras da África. É uma proposta para a Campanha da Fraternidade, cujo tema deste ano trata justamente do Centenário e da situação do negro no Brasil.

Esse Centenário e a própria Campanha da Fraternidade devem servir de ponto de partida para uma abertura do Brasil à África, à sua história, aos movimentos de renovação e con-

corrência que lá se desenvolvem com enormes dificuldades.

A África é um tema incômodo, parece. As pessoas evitam. Evoca, afinal, dor e também muita vergonha para aquilo que os defensores do regime militar do Brasil chamavam de "civilização ocidental-cristã". Muito constrangimento também, infelizmente, para a própria Igreja, como veremos adiante. Mas a África e seus descendentes precisam de nossa solidariedade, de nosso real interesse por eles, não de nosso constrangimento.

O Brasil é o maior país africano fora do continente. Foi o país que mais recebeu escravos durante os 4 séculos em que durou o tráfico para a América e a escravidão. Recebeu cerca de 40% do total.<sup>3</sup> É fato notório que a grande maioria da população brasileira de hoje tem alguma forma de ascendência africana.



O Brasil também formou, ao lado de Portugal e Espanha, o trio mais intransigente contra a abolição do tráfico e da escravidão em todo o mundo, resistindo ao máximo às pressões do movimento abolicionista europeu e, especialmente, às ações diretas armadas das esquadras inglesas, apriando ou afundando navios negreiros, sistematicamente, desde 1820.<sup>4</sup>

Das três nações, o Brasil foi a última a extinguir a escravidão.

Foi também o último país da América a fazê-lo, tentando suas elites escravistas medidas protelatórias que jogariam a abolição, "por falta de escavos", para depois de 1920, como denunciavam os abolicionistas.<sup>5</sup> A própria monarquia brasileira surgiu, manteve-se, com o compromisso de manter a escravidão.<sup>6</sup> Extinta a escravidão, extinguiu-se também a única monarquia da América...

Não se deixar vergar pela vergonha não significa continuar camuflando ou tergiversando sobre a história, a verdade da escravidão e suas consequências, como se vê em nossos manuais escolares.

---

### *Berço do homem e de civilizações*

---

Os brasileiros, inclusive os de ascendência africana, quando podem viajar, evitam a África. E, no entanto, ela tende a ser cada vez mais, uma novidade, cheia de surpresas. A pesquisa, por exemplo, aponta a África como berço do homem e, por isso, "o museu pré-histórico mais importante do mundo".<sup>7</sup> Lá surgiram muitas civilizações (Ife, Nok, Vale do Rift etc.) e impérios, entre os quais o primeiro de que a história registra com destaque, o egípcio formado a partir da antiga Núbia. Os africanos também foram pioneiros na extração e fundição de ferro, ouro e outros metais — conhecimento que os escravos—"ferreiros" trouxeram ao Brasil e aplicaram...<sup>8</sup> Agricultura e pecuária também não eram segredo para eles, no mínimo 3 mil anos antes da Europa.<sup>9</sup> A África não é continente sem história...

Evocar e aprofundar a pesquisa histórica é importante, especialmente quando se trata de destruir mitos que geram a dominação, o racismo e o *apartheid*, como os de "atraso", de "falta de história", de "incapacidade". É exatamente esse esforço que se tenta fazer na África de hoje, apesar da falta de recursos: juntar os escassos documentos escritos (e a África conheceu vários alfabetos), a pesquisa dos paleontólogos, arqueólogos, linguístas, sociólogos, historiadores etc. O sociólogo Jean Ziègler, a propósito, observa que a história e o tempo, na cultura e na vida africana, têm sentido bem distinto do que o nosso, o que é muito interessante.<sup>10</sup>

É preciso assinalar que grande parte da África, no momento do início da escravidão, não diferia muito da Idade Média européia, com seu comércio, suas brigas etc. E como prova, vai aqui uma das "novidades": quase 200 anos antes de Américo Vespúcio, o Império do Mali enviou duas grandes frotas de navios, a primeira, em 1303, para explorar o que havia além do Oceano Atlântico, "recusando-se a crer que o mar não tivesse limites". Da primeira vez, foram 200 navios. Só voltou um, informando que a corrente marítima tragara os demais. Preparou então outra frota de 2.000 navios. Nunca mais voltaram. Havia ainda deficiências técnicas de leme, falta de bússola e de pontes para as grandes barcas, comprometendo a operação. O responsável: Abubakar II, sobrinho do grande rei Sundjata.<sup>11</sup>

---

### *Na África, a face cruel do cristianismo*

---

A África tem uma contribuição importante para o cristianismo, em especial, para o catolicismo: fazer com que se olhe no espelho. A mansidão evangélica não tem se transferido para o mundo da política, dos ne-



gócios, das relações entre os povos. Somos violentos, cruéis, é a verdade. Provocamos guerras fratricidas, escravidão, colonialismo, duas carnificinas mundiais (I e II Guerra), o poder de destruir a terra 100 vezes, a edição de ordens jurídicas escravizantes, hoje.

A destruição dos povos indígenas da América foi obra "cristã". A escravidão africana, concebida nos moldes jurídicos da escravidão romana,<sup>12</sup> é uma realização das nações "cristãs"... e com a aprovação do Vaticano, através do então papa Nicolau V, em 1442.

O Papa, em 1442, editou a bula DUM DIVERSA,<sup>13</sup> outorgando a Afonso V, rei de Portugal, o direito de "atacar na costa da África os infiéis, pagãos ou sarracenos, escravizar suas pessoas e apropriar-se de seus bens". Catorze anos depois, outro papa, Calixto V,<sup>14</sup> outorgou à Ordem de Cristo a jurisdição eclesiástica sobre a Guiné (entrepósito de escravos), onde batizariam escravos e ganhariam para isso.

O Vaticano (que tinha uma postura favorável aos índios), silenciou praticamente até o século XIX quanto à questão negra, até que passou a combater a escravidão, mas especialmente a oriental.<sup>15</sup> Quanto ao Brasil, o grande abolicionista Joaquim Nabuco, um dos fundadores da Sociedade Brasileira contra a Escravidão, condenava insistentemente não só a omissão da Igreja na luta abolicionista (que teria abreviado muito a escravidão, segundo ele) mas também o fato de muitas ordens religiosas terem escravos.<sup>16</sup> Isso mostra a contribuição que a República deu à Igreja, separando-a do Estado e liberando-a para assumir seu papel. (Este foi um momento importantíssimo da Igreja no Brasil.)

Mas mesmo no campo religioso a África dá uma nova lição ao cristianismo, ao fazer com que supere tantas querelas e volte ao Evangelho e às fontes originais. A Teologia Negra, que surgiu na África na época de 70,<sup>17</sup> procura resgatar e defender o sentido da religiosidade e da experiên-

cia que marca profundamente o continente. É respeitar na África o sentido de "alteridade" que a nova orientação missionária reconhece aos índios.<sup>18</sup> Têm sido inúmeros os movimentos de cunho "profético", surgidos desde o início do século na África, como demonstração da angústia ante o colonialismo e perda de referência.<sup>19</sup> A arte africana, por fim, é manifestamente religiosa.

---

## Nosso papel nesse centenário

---

O papel dos cristãos nesse centenário é, primeiro, contribuir para a recuperação da memória histórica, da "imagem" real da África, assim como os judeus, de todas as tendências, multiplicam obras e filmes, para preservar sua "imagem", que o nazismo buscou comprometer. É, segundo, buscar pontes e contatos permanentes com entidades e esforços genuínos da África atual. Terceiro, é ajudar a combater o *apartheid*, os racismos, discriminações, a sub-cidadania que atinge não só os africanos mas seus descendentes no mundo todo. ●

### Notas

1. Gerard Chaliand. *A Luta pela África. Estratégia das Potências*. São Paulo, Brasiliense, 1982; *Mitos Revolucionários do III Mundo*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977. Daniel Etounga Manguelle. *Cent Ans D'Alienation*. Editions Silex, 1985.

2. Joseph Ki-Zerbo. *História da África Negra*. Publicações Europa-América/Portugal. p. 424.

3. Décio Freitas. *Escravos e Senhores de Escravos*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

4. Herbert S. Klein. *A Escravidão Africana/América latina e Caribe*. São Paulo, Brasiliense, 1987. José Capela. *As Burguesias Portuguesas e a Abolição do Tráfico da Escravatura, 1810-1842*. Porto, Afrontamento, 1979.

5. Joaquim Nabuco. *O Abolicionismo*. São Paulo, Progresso Editorial, 1949.

6. Décio Freitas. Obra citada, p. 40.

7. Joseph Ki-Zerbo. Obra citada.

8. Basil Davidson. *Mãe Negra*. Lisboa, Sá da Costa, 1978. p. 12.

9. Joseph Ki-Zerbo. Obra citada.

10. Jean Ziegler. *O Poder Africano*. São Paulo, Difel, 1972.

11. Joseph Ki-Zerbo. Obra citada, p. 170.

12. Herbert S. Klein. Obra citada.

13. Décio Freitas. Obra citada, p. 16

14. Décio Freitas. Obra citada.

15. Joseph Ki-Zerbo. Obra citada, p. 278

16. Joaquim Nabuco. Obra citada.

17. Le Colloque D'Accra. *Liberation ou Adaptation? La Theologie Africaine s'interroge*. Paris, L'Harmattan, 1979. (Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo)/CEDI. *Identidade Negra e Religião*. São Paulo, Edições Liberdade, 1986.

18. Arlindo G. de O. Leite. *A Mudança na Linha de Ação Missionária Indigenista*. São Paulo, Paulinas, 1982.

19. Vittorio Lanternari. *As Religiões dos Oprimidos. Movimentos Religiosos Nativistas da África*. São Paulo, Perspectiva, 1974.

JOVEM,  
DEFENDA  
MINHA  
DIGNIDADE  
E MEU  
VALOR!!!

Acreditamos no direito que a  
mulher tem de ser e viver como  
pessoa, imagem de Deus.

Nós temos este Ideal:

— Seguir Cristo Redentor e  
atender ao clamor das jovens e  
mulheres marginalizadas.

VOCÊ QUER SE  
JUNTAR A NÓS?

IRMÃS OBLATAS DO  
SANTÍSSIMO REDENTOR

Escreva para o Centro

Vocacional:

Rua Acuruí, n.º 552

Vila Formosa

03355 - São Paulo (SP)

Tel.: 295-9069

# OUVI O CLAMOR DESTE POVO. POR QUÊ?

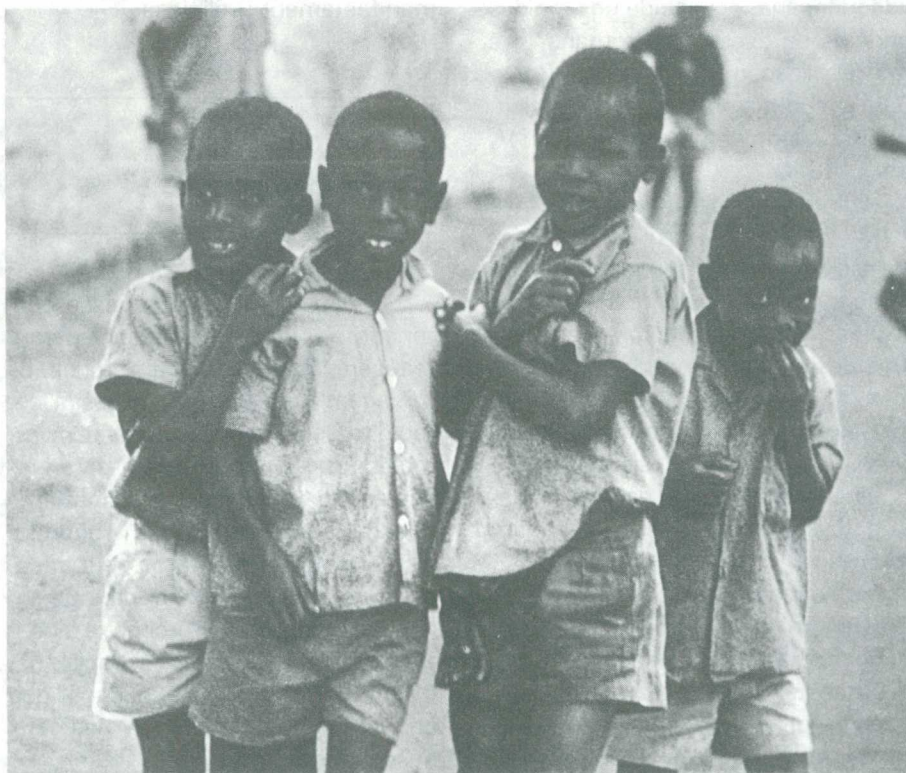
Muitos poderão perguntar por que a Igreja está neste ano se voltando para este tema. É importante que não percamos de vista ou pelo menos saibamos que o objetivo primordial da Campanha da Fraternidade é a nossa adesão a Jesus Cristo, renovando o compromisso de viver em fraternidade, porque este é o sinal mais autêntico do seguimento do Senhor: "nisto saberão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (Jo 13, 34-35).

Uma vez mais somos convocados à conversão, e isto supõe o reencontro com o mistério central de nossa fé: Jesus Cristo, Filho de Deus, deu sua vida por nossa salvação como a maior expressão do amor de Deus Pai.

Esta convocação, mais que um convite, é dirigida a todos os homens e mulheres de boa vontade, que quiserem se dispor a unir forças em vista da construção de uma sociedade marcada pela justiça e pela fraternidade.

A realização desta 25.ª Campanha da Fraternidade é uma oportunidade para avaliarmos como, no dia-dia de nossa vida, nós já estamos ou não conseguindo e o quanto estamos assumindo e praticar o que nos foi proposto ao longo desses anos, principalmente de 1978 para cá, quando de forma marcante se tem apresentado a dimensão profética da Igreja.

Neste ano comemoramos o cen-



tenário da "abolição legal" do trabalho escravo no Brasil. Assim, por razões históricas e reconhecendo hoje que nem sempre tratou a situação deprimente vivida pelos negros com a "devida atenção evangelizadora e libertadora" (Puebla 8, 40), a Igreja se propõe a refletir o tema: "A Fraternidade e o Negro".

Mais do que isso a Igreja convoca-nos a ouvir "O clamor deste povo" por justiça. A situação de marginalização na qual se encontram nossos irmãos negros faz parte de um todo social e não pode ser tratada de modo isolado. Ela é conseqüência de algo muito mais amplo, profundo e complexo.

A partir da Comunidade Negra, o Senhor deseja, e devemos estar certos disto, que também se faça justiça com os demais marginalizados de

nossa sociedade, seja feita justiça aos índios, aos trabalhadores rurais e urbanos, às mulheres empobrecidas, aos menores carentes (que na maioria são negros ou têm em suas veias este sangue). Possam estes nossos irmãos sofredores, e em sua própria linguagem "lascados" pela miséria da injustiça, sentir a força de uma renovada fraternidade cristã, revigorada a partir do esforço de superação dos preconceitos que marginalizam a comunidade negra.

A "Fraternidade e o Negro" abrese, assim, para uma dimensão universal, através da luta pela transformação da estrutura social injusta vigente em nosso país, colocando-se como um passo importante no caminho para a Fraternidade Cristã. ●

Pe. Eugenio Pessato, cmf

# ESPAÇO PARA MARIA

Pediram-me, em troca de um favor, escrever algumas linhas sobre Nossa Senhora.

“É que, no ano mariano, devemos dar mais espaço para falar de Maria...”

Coitada de minha “interlocutora!” “Dar um espaço... como se ela não soubesse que Maria ocupa **TODO O ESPAÇO** da vida de seus filhos. Todo o espaço que Ela ajudou a construir como colaboradora no mistério da Redenção!”

Alegava ainda, na minha recusa diante da “divina chantagem”, trocar um favor por... Maria! Que para mim, padre, a coisa mais fácil é escrever sobre Nossa Senhora!

É fácil dizer que basta ser padre para falar ou escrever sobre Maria.

É verdade que esse argumento me “chacoalhou”! E me revi criança chorando no ombro de minha mãe a discriminação que eu sofrera quando não me aceitariam no seminário com bolsa de estudo porque eu não era órfão de guerra. E era pobre! (Meu pai também combateu contra os inimigos de minha pátria e morrera em conseqüência de mal apanhado em campos de batalha!... Mas não tivera a dita de “tombar” derrubado por um canhão!)

“Não se incomode, meu filho — me dizia minha mãe aflagando maternamente e profeticamente meus cabelos louros e encaracolados... seja devoto de Maria e um dia você será padre!”

Mas não basta ser padre, ter tido uma mãe santa, reconhecer Maria como Mãe da Igreja, para escrever um artigo... um espaço!...

E minha interlocutora insistia: “ainda mais, padre salesiano!” E me senti “acuado” e até com vontade de ser escritor, e escrever sobre Maria, pois na verdade a vida do meu fun-



dador, o fundador dos salesianos, é tão impregnada de Maria que a gente esbarra nela até sem querer! Desde a expressão de mamãe Margarida até a nossa mãe, de D. Bosco, dirigida ao filho no dia de sua ordenação sacerdotal: Antes mesmo que você nascesse eu te consagrei a Nossa Senhora. Ao “sonho” dos nove anos em que Maria dizia a jãozinho “Eu te darei a mestra...” ao monumento do santuário Nossa Senhora Auxiliadora em Turim... a certeza de que cada tijolo do santuário era um milagre de Maria... A presença de cerca de 20.000 salesianos e quase outro tanto de filhas de Maria Auxiliadora proclamando ao mundo inteiro a presença de Maria na história pessoal e da Igreja. Tudo isso e muito mais me veio à mente no pedido de uma página na revista *Ave Maria* como um “espaço a mais”! Relutei... E ouvi ao meu lado uma auxiliar fraterna insistir que escrevesse o artigo.

“Faça um artigo futurista...”

“Futurista”! E pensei deixar para o futuro. Achei que nada é mais futurista do que o futuro.

Mas a cobrança voltou.

Não houve como escapar. Parei alguns minutos e vi dentro de mim, como cristão, como sacerdote, como salesiano tão forte, tão real e tão atuante, a presença de Maria, que é difícil encontrar o caminho para começar... e tenho certeza que a mesma dificuldade teria para terminar.

Nunca se fala suficientemente de Maria, acho que foi São Bernardo quem o disse.

O gesto melhor é dizer ou a verdade maior é esta: se o mundo não vai bem, é que os homens esqueceram sua origem. Juntaria do nosso povo a simplicidade, a pureza e até mesmo o amor materno. Da mãe que junta as mãozinhas de seu bebê e ensina a oração mais simples: *ave maria*.

Hoje a família não tem mais tempo para se reunir e rezar seu terço, de rezar junto. A família se desagregou porque foi negado mais um espaço para Maria.



Bom. Pelo visto já enchi algumas laudas. O telefone bate e... — Como é, recebo ou não o artigo? Estou fechando a revista.

Vou parar aqui. E me lembro, sem poder reler o que dizia D. Bosco: “Nossa Senhora conserta de noite o que seus filhos estragam de dia”.

Deixo na mão de Maria “consertar” maternalmente os erros que cometi como cristão, como padre, como salesiano e como aventureiro da pena.

*Para reflexão:*

Quais os apelos a Maria que se encontram nesta crônica?

Pe. Pasquale Filippelli, sdb

# Mediação maternal de Maria em seu itinerário de fé

José C.R.G. Paredes

*O quarto Evangelho nunca menciona Maria por seu nome. Ela é sempre “a mãe”, quer seja “de Jesus”, quer seja do “discípulo amado”. Ela nunca perde essa função, que a define em toda a sua verdade.*

## 1. A “mediação maternal” nas bodas de Caná

Nas bodas de Caná da Galiléia, começo da vida pública de Jesus, estava presente sua mãe; às bodas havia sido convidado *também* Jesus e seus discípulos (João 2, 1-2). “Parece que o filho foi convidado em razão do convite feito à mãe” (RM, 21). Maria está presente como *mãe de Jesus*. Dela parte a iniciativa que culminará na manifestação da glória de Jesus, seu filho, e no começo da fé em Jesus por parte dos discípulos (João 2, 11). Ao comunicar ao filho a *falta* de vinho, Maria preocupa-se não com seu Filho, mas com *os outros*; demonstra uma admirável solicitude por aqueles a quem vê em situação de necessidade. “Em Caná da Galiléia, aparece apenas um aspecto concreto da indigência humana, um aspecto aparentemente pequeno e de pouca importância (‘Eles não têm mais vinho...’). Mas isto tem um valor simbólico” (RM, 21). Maria coloca-se entre seu filho e os homens, que estão em situação de indigência. “Coloca-se ‘no meio’ — como diz magnificamente a encíclica —, ou seja, serve de mediadora, não como uma pessoa estranha, mas em seu pa-



pel de mãe, consciente de que, como tal, pode — ou melhor, ‘tem o direito de’ — trazer à luz as necessidades dos homens... Mas não é só isso: como mãe, deseja também que se manifeste o poder messiânico do filho, quer dizer, seu poder salvador, destinado a socorrer a desventura humana, a libertar o homem do mal que, sob diversas formas e medidas, pesa sobre sua vida” (RM, 21).

A reação de Jesus tem a aparência de flagrante recusa: “Que tenho eu a ver com isso, mulher? Minha hora ainda não chegou” (João 2, 3-4). A frase interrogativa tem, no quarto Evangelho, uma admirável função pedagógica e reveladora (A. Vanhoye); ela não tem por fim refletir situações históricas, mas sim ajudar o leitor a penetrar num mistério: nesse caso, na *misteriosa relação* que Jesus estabeleceu com sua mãe. Com essa per-

gunta, o quarto evangelista retraduz aquela frase dos sinóticos: “Quem é minha mãe?” (Marcos 3, 31-35; Mateus 12, 46-50). Jesus remete Maria à “sua hora”, isto é, a seu Pai, que é o único que determina o momento da atuação do Filho: somente o Pai! Em virtude desta “paternidade única de Deus”, Jesus pergunta à sua mãe que tipo de relação deve ser estabelecida entre os dois. E mais, Jesus insinua certo distanciamento ao dirigir-se à sua mãe com o vocativo “mulher”, vocativo esse que a situa junto a outras mulheres que acreditam em Jesus e às quais ele se dirige da mesma forma, como por exemplo a samaritana e Maria Madalena.

Apesar de tudo, a mãe de Jesus se inibe. Nem sequer lhe responde verbalmente; ela o faz apenas com a eloquência de sua ação. Dirige-se então aos criados e lhes diz: “Façam o

que ele disser” (João 2, 5). A mãe assume uma nova função: pede aos ser-  
viçais que ouçam a palavra (“o que  
ele disser...”) e a ponham em ação  
(“façam!”). Trata-se de uma retra-  
dução ampliada daquela frase dos si-  
nóticos: “minha mãe e meus irmãos  
são aqueles que ouvem a palavra de  
Deus e a põem em prática” (Marcos  
3, 31). A mãe de Jesus, diz o quarto  
evangelista, é aquela que convida os  
outros a ouvir a palavra de seu filho  
e a cumpri-la. A mãe está, pois, em  
profundíssima sintonia com o filho.  
“Que entendimento profundo —  
pergunta-se o Papa — ocorreu entre  
Jesus e sua Mãe? Como explorar o  
mistério de sua íntima união espiri-  
tual?” (RM, 21).

Em Caná manifesta-se a *nova*  
*dimensão* da maternidade de Maria:  
uma “nova maternidade segundo o  
Espírito”, ou seja, uma grande soli-  
citude de Maria pelos homens, indo  
ao seu encontro em toda a gama de  
suas necessidades. A encíclica desco-  
bre nesta cena evangélica uma *me-  
dição*: Maria coloca-se entre o filho  
e os homens, imersa em sua realida-  
de de privações, indigências e sofri-  
mentos. Maria coloca-se no meio, ou  
seja, assume o papel de mediadora;  
não como uma pessoa estranha, mas  
em seu papel de *mãe de Jesus*, cons-  
ciente de que como tal pode tornar  
presente o filho nas necessidades dos  
homens. Sua mediação tem um ca-  
ráter *de intercessão*. E, diante dos  
empregados (que são o símbolo dos  
discípulos de Jesus), Maria aparece  
como porta-voz da vontade de seu fi-  
lho. Em Caná, pois, Maria surge co-  
mo aquela que crê em Jesus. Sua fé  
provoca o primeiro milagre e contri-  
bui para suscitar a fé dos discípulos  
(RM, 21).

## 2. Maria, mãe do “discípulo amado”

“Se a passagem do Evangelho de  
João sobre os fatos passados em Ca-  
ná apresenta a maternidade solícita de  
Maria no começo da atividade mes-  
siânica de Cristo, uma outra passa-

gem do mesmo Evangelho confirma  
essa maternidade de Maria na econo-  
mia salvadora da graça em seu *mo-  
mento culminante*, quer dizer, quan-  
do se realiza o sacrifício da cruz de  
Cristo, seu mistério pascal” (RM,  
23). O momento culminante da ver-  
dade sobre Jesus Cristo, seu mistério  
pascal, é também o momento culmi-  
nante da verdade sobre Maria. Sabe-  
mos que, para o quarto evangelista,  
a cruz é o símbolo da humilhação-  
exaltação, da morte-vida, da derrota-  
vitória. A cruz não é somente morte,  
mas também ressurreição. Não é só  
o momento no qual Jesus “entrega  
o Espírito”, mas também o momen-  
to em que a Igreja “recebe o Espíri-  
to”. A cruz é o grande símbolo do  
acontecimento pascal. Pois bem, aí es-  
tá Maria como testemunha qualifica-  
da de toda essa ocorrência. Aí está  
Maria exercendo uma função, que Je-  
sus ressalta ainda na cruz: a de ser a  
mãe do discípulo amado.

A pergunta de Caná “Que temos  
nós com isso, mulher?” não havia si-  
do respondida por Jesus. Agora ele  
responde, dirigindo-se de novo à sua  
mãe: “Mulher, aí está seu filho”  
(João 19, 25). A relação entre Jesus  
e sua mãe encontra-se mediada pela  
maternidade de Maria em relação ao  
melhor discípulo de Jesus. E, de fa-  
to, a mãe de Jesus já havia mostrado  
em Caná uma solicitude quase ma-  
ternal pelos outros; ela se havia diri-  
gido aos criados pedindo-lhes atenção  
e obediência às palavras de Jesus; ha-  
via intervindo de alguma maneira no  
nascimento da fé dos discípulos.  
“Pode-se dizer que, se a maternida-  
de de Maria em relação aos homens  
já havia sido delineada anteriormen-  
te, agora estava definida e estabele-  
cida claramente; ela emerge do ama-  
durecimento definitivo do mistério  
pascal do Redentor. A mãe de Cris-  
to, encontrando-se no campo direto  
desse mistério que abarca o homem  
— cada um deles e todos ao mesmo  
tempo —, é entregue ao homem —  
a cada um deles e a todos — como  
mãe. Esse homem junto à cruz é  
João, ‘o discípulo que ele amava’.  
Mas ele não está só. Segundo a tra-

dição, o concílio não tem dúvidas em  
chamar Maria a ‘mãe de Cristo, a  
mãe dos homens’” (RM, 23). Isto  
quer dizer que, no mistério de Jesus,  
compete a Maria exercer a função de  
*mãe*; mãe não em relação a Jesus,  
mas em relação a todos os discípulos  
dele: mãe de sua fé. “É verdadeira-  
mente a mãe dos membros de Cristo  
por ter cooperado com seu amor pa-  
ra que nascessem na Igreja os fiéis”  
(LG, 54; RM, 23).

Na cruz, como põem em relevo  
alguns exegetas, ocorre uma mudança  
de propriedade: aquela que no come-  
ço é chamada “mãe de Jesus”  
converte-se no final na “mãe do dis-  
cípulo amado”; este a acolheu como  
*propriedade* sua, incluiu-a como ele-  
mento essencial dentro de seu próprio  
mundo espiritual.

E a que se deve essa nova mater-  
nidade? Ela é possível graças ao  
“amadurecimento” — como diz a  
encíclica — que se produziu no ca-  
minho da fé de Maria; essa nova ma-  
ternidade de Maria, engendrada pe-  
la fé, é fruto do ‘novo’ amor, que nela  
amadureceu definitivamente junto à  
cruz, por meio de sua participação no  
ato redentor do filho” (RM, 23). A  
maternidade espiritual só foi possível  
quando a fé e o amor do discípulo  
amadureceram e se converteram em  
fecundidade espiritual. A presença ati-  
va de Maria junto à cruz de seu filho  
revela um grau culminante de fé e de  
exemplaridade. A fé de Maria é não  
só exemplo, mas também germe. A  
fé do discípulo amado encontra em  
Maria seu modelo e sua fonte.

## 3. A “Mulher” mãe no acontecimento da redenção

Ao contemplar a cena da cruz,  
aquela cena em que — segundo nos-  
sa fé — o filho de Deus feito homem  
vence o mal do pecado e da morte  
com sua própria morte, aquela cena  
em que o amor ilimitado de Deus  
vence o ódio da serpente, e ao ver  
junto ao redentor aquela “mulher”,  
não podemos deixar de evocar a pro-  
missa do Antigo Testamento:

*“Porei inimizade entre você e a mulher, e entre sua descendência e a descendência dela: ela pisará em sua cabeça enquanto você observa seu calcanhar”*  
(Gênesis 3, 15).

Estas palavras de Deus à serpente falam da impressionante luta que será travada ao longo da História entre a linhagem da serpente e a linhagem da mulher. Não há dúvida de que no Calvário essa luta chega a seu ápice: a serpente quer destruir o “filho da mulher”, mas nesse momento o “filho da mulher” lhe amassa a cabeça. Paulo expressa isso com vigor, quando escreve: “A morte foi devorada na vitória. Onde está, ó morte, sua vitória? Onde está, ó morte, seu aguilhão?... Graças sejam dadas a Deus, que nos deu a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo! (Coríntios 15, 55-57). Neste contexto “é significativo que, ao dirigir-se à mãe, do alto da cruz, Jesus a chame de ‘mulher’ e lhe diga: ‘Mulher, aí tem seu filho’... Como duvidar de que especialmente agora, no Gólgota, essa frase não se refira em profundidade ao mistério de Maria, alcançando o lugar singular que ela ocupa em toda a história da salvação?” (RM, 24). Junto à cruz está “a mulher” inimiga da serpente; está “a mulher” que é a mãe daquele que pisará sobre a cabeça da serpente: essa mulher é *Maria, a mãe de Jesus*, mas também a *mãe de todos os discípulos de Jesus*.

Maria não é, contudo, a *única mãe* dos discípulos de Jesus; a imagem da “mulher” não se refere apenas a ela. “A maternidade de Maria encontra uma ‘nova’ continuação na Igreja e através da Igreja” (RM, 24). Também a Igreja é “mãe” da fé, também a Igreja é representada sob a imagem da “mulher” que engendra virginalmente novos filhos. A Igreja de há muito contemplou-se a si mesma, à luz de Maria. No princípio da história da salvação (Gênesis 3, 15) e no final (Apocalipse 12, 1) está a “mulher-mãe”: é Maria, é



a Igreja. “Segundo o eterno desígnio da Providência, a maternidade divina de Maria deve derramar-se sobre a Igreja, como indicam algumas afirmações da tradição, para as quais a ‘maternidade’ de Maria com relação à Igreja é o reflexo e o prolongamento de sua maternidade com relação ao filho de Deus” (RM, 24). Ambas as “mulheres”, ambas as “mães” encontram-se em Pentecostes, “perseveravam unânimes na oração”, implorando a vinda do Espírito, que tornara fecunda a Igreja e que já havia fecundado Maria na anunciação. “Na história da graça ocorre uma particular correspondência entre o momento da encarnação do Verbo e do nascimento da Igreja. A pessoa que une esses dois momentos é Maria. Em ambos os casos, sua presença discreta, mas essencial, indica o caminho do ‘nascimento do Espírito’... Também na Igreja ela continua uma presença materna” (RM, 24).

A verdade sobre Maria nos levou a contemplá-la como *mãe*. A maternidade define todo o itinerário existencial de Maria. Ela sempre foi e sempre será *mãe*. Pela unção do Espírito, Maria está permanentemente habilitada a ser um seio fecundo, uma fonte de vida, uma “nova Eva”, a “mãe dos vivos”. Também há em Maria um “itinerário de maternidade”: desde a maternidade biológica, que foi uma maternidade na fé, até o discipulado de Jesus e a fraternidade com todos os fiéis a Deus; e desde

o discipulado e a fraternidade com todos os seguidores de Jesus até a maternidade espiritual sobre todos os discípulos de Jesus. Maria é mãe espiritual porque amadureceu na vivência da fé através de sua associação ao mistério de Cristo. Desse modo, converteu-se em exemplo e semente.

Na verdade sobre a maternidade de Maria, a Igreja encontra sua própria verdade. A Igreja é convocada a ser semente, a ser exemplo, a ser germe de fé. A Igreja é chamada a uma prodigiosa fecundidade. Uma Igreja envelhecida torna-se progressivamente estéril: apenas uma Igreja jovem pode ser fecunda. Jovem é aquela igreja que está sempre disposta a continuar, a refazer e renovar suas posições, a mudar suas vocações; jovem é aquela Igreja que, como Maria, se deixa perguntar por Jesus: *Que temos nós com isso?* E, com sua ação, coloca-se incondicionalmente a serviço da causa de Jesus, sem buscar privilégios, nem poderes. Mãe como Maria é aquela Igreja que não abandona o crucificado e, fiel, sempre a seu lado, se associa a seu sacrifício amadurecendo em sua fé.

Proclamar Maria como nossa “mãe” não é apenas um elogio a ela, mas algo que nos compromete a viver em consonância com tal maternidade; a ser regato ou rio em consonância com esse manancial materno. É “filho de Maria” aquele que dela herdou seus rasgos, sua fé, seu amor, sua compaixão cheia de audácia e valentia, sua docilidade ao Espírito. Aquele que for um autêntico filho de tão bem-aventurada maternidade será também bem-aventurado e poderá ouvir simultaneamente estas duas frases, uma de Maria, outra de Jesus:

“Façam o que ele disser!”

“Bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam”.

*Tradução: Suely Mendes Brazão*

*(José C. R. G. Paredes é sacerdote claretiano, professor de teologia e diretor da revista Vida Religiosa, em Madri)*

# São Paulo, grande catequizador

Mais uma vez voltamos a refletir sobre a catequese apostólica, dando continuidade a nossa reflexão do número anterior. Para vocês que procuraram perceber qual a idéia fundamental apresentada por Pedro em sua primeira carta, é importante saber que a idéia fundamental por ele apresentada é a morte e ressurreição de Jesus, como única ação salvífica. E Pedro, no início de sua carta, ao compor o hino de ação de graças pela libertação em Cristo, já prefigurada no Êxodo, faz a aplicação deste tema ao sacramento do batismo.

Provavelmente no ano 65, aparece a atual versão grega do Evangelho de Mateus, que até o final do século IV foi o texto mais estudado e comentado. Conforme a sistematização judaica, percebemos nele sete partes assim distribuídas:

## 1. Introdução:

Infância de Jesus (*capítulos 1 e 2*)

## 2. O Reino de Deus:

a) Seu programa (*narração - capítulos 3 e 4; palavras - capítulos 5 e 7*)

b) Difusão do Reino (*narração - capítulos 8 e 9; palavras - capítulo 10*)

c) A natureza do Reino (*narração - capítulos 11 e 12; palavras - capítulo 13*)

d) A Igreja, sinal do Reino (*narração - capítulos 14 a 17; palavras - capítulo 18*)

e) Crise (*narração - capítulos 19 a 23; palavras - capítulos 24 a 25*)

## 3. Conclusão:

O triunfo do Reino (*capítulos 26 a 28*)

É importante agora retomar o esquema aqui apresentado, tendo em



mãos a Bíblia e, sem nenhuma pressa, ler todo o Evangelho de Mateus, percebendo esta divisão apresentada. Muito interessante ainda seria fazer esse estudo em grupos, em forma de oração.

Ao mesmo tempo que é apresentado o Evangelho de Mateus, também Lucas redigia um outro Evangelho. O Evangelho de Lucas é muito interessante, e, mesmo sendo semelhante ao de Mateus e Marcos, tem algumas colocações não encontradas nos outros dois.

Lucas ressalta alguns valores da psicologia religiosa de Jesus e daqueles que o seguem como:

a) a misericórdia - *leia Lc 13, 6-9 e leia o mesmo texto, percebendo as diferenças em Mc 11, 12-14;*

b) o perdão - *leia Lc 23, 39-43;*

c) a ternura - *leia Lc 15, 11-32;*

d) a alta dignidade dos pobres - *leia Lc 16, 19-31;*

e) a importância da oração - *leia Lc 18, 1-8.*

## 1.3. A catequese de Paulo

Entre os anos 45 e 67 surge outro apóstolo e importante catequista, já com uma dimensão catequética muito maior, ou seja, a catequese missionária. Através de suas viagens, funda comunidades e as anima através de suas pregações, como também através de seus escritos ou cartas, procurando resolver os problemas pastorais surgidos entre eles.

### 1.3.1. Catequese aos judeus que não moravam em Jerusalém

O tema central tomado por Paulo em sua catequese aos judeus que não moravam em Jerusalém é o mesmo que encontramos na catequese de Pedro, isto é, Jesus é o Servo Sofredor de Javé. Leia Atos 13, 16-41 para que você possa ter um exemplo da catequese paulina aos judeus convertidos ao cristianismo.

Paulo foi um dos maiores catequistas, porque uniu o ministério da catequese à vida missionária, dedicando-se totalmente ao anúncio do Reino.

Em nossa próxima reflexão, continuaremos a conhecer este valoroso catequista e veremos que sua obra missionária não se restringiu somente aos seus irmãos judeus. ●

Pe. Eugênio Pessato, cmf

Dirija suas perguntas para: *Revista Ave Maria (Página Catequética), Caixa Postal 54.215; CEP 01296 - São Paulo (SP).*

# DOM OSCAR ROMERO

Nasceu em Barrios, Departamento de San Miguel, em El Salvador. Filho de Santos Romero — telegrafista — e Guadalupe de Jesús Galdámez. Depois de estudar com os claretianos, ingressa no Seminário de San Salvador. No ano 1943 inicia seus estudos de Teologia na Universidade Gregoriana de Roma.

Ocupou alguns cargos muito importantes: pároco de Anamorós; depois pároco da Catedral e diretor do seminário "Chaparratique". Reitor do Seminário Interdiocesano de El Salvador. Em 1966 foi nomeado Secretário Geral da Conferência Episcopal de El Salvador. No ano 1970 foi nomeado Bispo Auxiliar de El Salvador. Aos 15 de outubro de 1974 é nomeado Bispo da Diocese de Santiago de Maria, região de muita exploração.

Depois de se ocupar com todos estes cargos durante muito tempo e sendo cursilista de cristandade, experto em cânones, legista, muito eclesialístico, foi nomeado arcebispo de San Salvador no dia 3 de fevereiro de 1977, para frear uma igreja conflitiva, moderna, orgânica, que se encontrava em renovação, como também colocar em seu devido lugar os "padres marxistas" e para criar boas relações com o Estado (pois estas haviam sido deterioradas pelo arcebispo anterior, Luis Chávez). Entretanto, Dom Romero possuía uma honestidade e uma liberdade muito grandes, que lhe ajudaram a tomar consciência da exploração que sofria o povo salvadorenho. Sentiu-se desgastado por dentro ao ter que manter a honestidade dentro do pecado institucional.

Em Santiago de Maria, cada vez que tinha um problema, recolhia-se, orava, estudava e tentava resolvê-lo com um decreto.

Aos 12 de março de 1975 foi as-



sassinado o padre Rufino Grande. Por causa deste fato deu-se uma série de mudanças em Dom Romero e na marcha da Igreja salvadorenha:

1. Ruptura com a legalidade burguesa que Dom Romero realizou com gestos simples, sepultando a Rutilio e convocando reuniões públicas nas praças, contra as leis que oprimiam o povo salvadorenho.

2. Ruptura do esquema de cristandade: rompe o diálogo Igreja-Governo, "situando a Igreja no meio do povo e entre os pobres". Impõe ao Presidente da República algumas condições caso queira que o diálogo se restabeleça: esclarecimento do assassinato do Padre Rutilio, retorno dos sacerdotes expulsos e término da repressão contra o povo.

3. Nova liturgia: Eucaristias no final das manifestações ou no meio delas, nas tomadas de terra ou nos lugares onde se construiriam casas, celebrações de sacramentos na clandestinidade. A partir daqui começaram os primeiros conflitos com seus irmãos de episcopado.

4. Um novo serviço ao povo: diálogo com as organizações próprias dos pobres, seus movimentos cívico-populares. (Dom Romero falava nes-

tes momentos de compromisso com os pobres, ainda que não o entendesse muito bem.)

5. Começou a remover os sacerdotes que não queriam pôr-se na linha de serviço ao povo e os mandava a lugares apropriados, mas onde não fizessem mal ou onde não fosse tão grave seu contra-testemunho.

Há outro fato que segue marcando sua conversão: o assassinato do padre Alfonso Navarro e sobre este fato Romero conclui: "como tem que ser maligno este sistema capitalista que coloca o pobre contra o pobre, o camponês que trabalha a terra contra o camponês que veste farda de polícia ou soldado".

Inquieto por deixar de lado o silêncio que lhe amargurava em tempos atrás, decide converter um grande escritório em local de reuniões, onde ministros da Palavra, padres, camponeses, seminaristas, bispos pudessem dialogar e expor seus problemas, adquirindo assim a Cúria um caráter peculiar. Fundou no mesmo arcebisado uma central de informação e de solidariedade a serviço dos movimentos populares e de todo o povo.

Dom Romero assumiu uma nova forma de evangelizar em suas homi-



lias: relatos da vida do povo e de suas organizações, denúncia das repressões, ações das comunidades dentro do processo de libertação e a partir daí a descoberta dos valores evangélicos que estão implícitos em tudo isso junto com a palavra cristã de esperança para os pobres.

Em sua carta pastoral (agosto de 1979) sobre o marxismo, aponta os perigos, mas deixa claro que se trata de uma análise científica do econômico e social e que deve ser tratado desde esta perspectiva. Nesta carta aborda a problemática da pastoral e diz que esta deve realizar uma evangelização ao interior mesmo das organizações populares, assumindo limpidamente seus riscos. Trata-se também de celebrar a fé e explicitá-la no interior das lutas de libertação com seus próprios valores e sinais.

Participa da III Conferência Episcopal latino-Americana, eleito como representante de um organismo romano para a América Latina. Leva a Puebla duas missões; buscar a solidariedade das Igrejas para o povo salvadorenho e conseguir o reconhecimento da situação eclesial como uma situação de perseguição martirial.

Em certa ocasião Dom Romero expressou: "A esperança que a Igreja fomenta é um chamado à própria responsabilidade das maiorias pobres, à sua conscientização, à sua organização e é um respaldo a suas justas causas e reivindicações. São os pobres os que nos fazem compreender o que realmente ocorre. A perseguição foi ocasionada pela defesa dos pobres e não é outra coisa senão carregar o destino dos pobres. O povo é hoje o corpo de Cristo que vive na história".

Exige que se abram as portas e se dê apoio aos perseguidores e aos familiares dos assassinados. Profere mensagens de angústia e dor em suas homilias: "Tenho que andar pelos caminhos recolhendo mortos queridos, escutando viúvas e órfãos e repartindo esperança".

Prepara sua morte com uma grande realidade profética: "Fui ameaçado de morte. Porém como cristão não creio na morte sem ressurreição. Se me matam ressuscitarei nas lutas do povo salvadorenho. Isso o digo com muita humildade. Como pastor estou obrigado por manda-

to divino a dar a vida por aqueles que amo, que são todo o meu povo. Desde já ofereço a Deus meu sangue pela redenção e ressurreição de El Salvador. O martírio é uma graça de Deus que creio não merecer; mas se Deus aceita o sacrifício de minha vida, que meu sangue seja semente de liberdade e o sinal de que a esperança será logo uma realidade. Um bispo morrerá, mas a Igreja de Deus, que é o povo, não perecerá jamais".

Em sua última homilia Dom Romero toca um ponto muito inquietante: as Forças Armadas: "São irmãos nossos, são do mesmo povo, entretanto matam a seus irmãos camponeses. Ante a ordem de matar dada por um homem deve permanecer a lei de Deus que diz: Não matar. Uma lei imoral ninguém deve cumpri-la. Queremos que o governo leve a sério que de nada servem as reformas se vão manchadas com tanto sangue. Em nome de Deus, em nome deste povo sofrido, cujos lamentos sobem ao céu cada dia mais tumultuosos, lhes suplico, lhes rogo, lhes ordeno, em nome de Deus: cesse a repressão".

Esta inflamada exortação profética foi a firma de sua condenação à morte.

Dom Romero foi um homem de oração, de humildade sincera, de pureza de coração, de amor profundo a seus irmãos. Esta transparência humana ele a pôs a serviço de seu ministério episcopal, e a situação difícil que dominou a arquidiocese de San Salvador lhe fez amadurecer e crescer nesse seguimento de Jesus. Com sangue de mártires e com a dor do povo começou seu ministério; e esse sangue e essa dor lhe converteram em pastor fiel e compreensivo, que nunca abandonou as suas ovelhas, que lhes emprestou sua voz e que deu sua vida por elas.

E depois de dedicar sua vida ao povo este profeta foi assassinado no dia 24 de março de 1980, às 18h30, quando celebrava a Eucaristia no Hospital Infantil de San Salvador. Hoje o povo salvadorenho celebra sua ressurreição, tal como Oscar o havia prometido.

Dom Pedro Casaldáliga escreve uma carta ao povo salvadorenho por ocasião da morte de Dom Romero: "É uma Boa Nova na ótica do Evangelho, um acontecimento pascal.

Só nos resta recolher o sangue de Dom Romero como uma bandeira de libertação pascal. Ele foi o bom Pastor que soube dar a vida pelo rebanho. O sofrimento de seu povo lhe santificou em liberdade e fidelidade totais. Era um homem que ajudava a libertar.

As oligarquias nacionais e os interesses imperialistas e toda a força repressiva não poderão fazer calar a última grande homilia de Romero, o grito limpo de sua morte, sua missa mais verdadeira.

Modelo de bispo comprometido com a história de seu povo, sua coerência pastoral o levou ao martírio. Seu sangue e o sangue de tantos filhos de Deus pobres e oprimidos lavradores, sobretudo, e indígenas, jovens estudantes e agentes de pastoral dedicados, forçarão o dia novo da América Central e limparão o rosto de nossa Igreja.

América inteira e o mundo, toda a Igreja dos pobres particularmente, se volta para El Salvador, para a América Central. Sois para nós um Evangelho vivo, um testemunho de Páscoa. Não cedais, sede fiéis, permaneçai unidos. Contai com nossa oração e com nossa solidariedade. Dai voz e caminhos ao povo. O Espírito de Jesus ressuscitado está convosco.

O medo e a morte sempre cedem ante a vida. Obrigado por vosso testemunho, obrigado pelo sangue do arcebispo Romero. Sua presença, já de ressuscitado, será uma nova *memória subversiva* para nossa Igreja. Romero é um novo mártir da libertação. *Um novo santo de nossa América*".

## Reflexão em grupo:

- a) Ler Isaías 5, 8; Amós 3, 15.
- b) Por que esta maldição aos gananciosos?
- c) Como Dom Romero enfrentou este problema com as seis famílias ricas de seu país?
- d) Entidades ou pessoas que se destacam por serem acumuladoras de capital em nosso país. Como lutar com isso onde você vive?

Traduziu: Pe. Mauro Zequin Custódio, cmf

# PEDAGOGIA DAS PROVAÇÕES

Geraldo Barboza de Carvalho

*Na pedagogia divina, as  
provações são desafios que Ele  
nos faz, para provarmos a nós  
mesmos a quantas anda nossa fé  
e nosso amor.*

Fala-se, nos meios cristãos, dos castigos de Deus. De fato na antiga Lei, no Velho Testamento, o entendimento que se tinha das provações é que eram castigos de Deus. As 7 pragas do Egito são o exemplo mais patente dos castigos de Deus. Mas, também no AT, vemos bem claro Deus provar a fé de Abraão, obrigando-o a sacrificar o próprio filho Isaac. Abraão aceitou e preparou tudo para ele mesmo sacrificar seu filho numa fogueira. Mas na hora em que levantou a faca, na hora em que Deus viu que a fé de Abraão era firme, ele interveio e fez aparecer um cordeiro para o sacrifício. Ainda no AT, Jó é duramente provado por Deus a pedido de Satanás, que duvidava de sua fé. Os amigos e a mulher de Jó achavam que ele estava sendo castigado pelos pecados secretos que só Deus via. Mas ele se manteve firme no infortúnio, sabendo que, mesmo na miséria em que se encontrava, Deus o amava. E o que se viu foi a desmoralização de Satanás, da mulher e dos amigos de Jó: quando Satanás viu que não poderia vencer a fé de Jó, o abandonou e ele voltou a ser mais rico do que antes e teve sua fé robustecida. Sua fé em Deus independia dele ser rico ou ser pobre. Acreditava em Deus por ser ele o bem maior. Mas também no Novo Testamento, Deus permitiu que Jesus fosse tentado pelo Diabo. E este, mais uma vez, foi desmoralizado pela obediência do Filho ao Pai. Enfim, toda a história sagrada é feita de alianças e traições, de provações e de comprovações, de um relacionamento forte e, a um só tempo, terno, confiante, paterno/filial entre Deus e seu povo.



As provações são o solo fértil de todo progresso espiritual. A gente não entende a fundo o amor de Deus por nós enquanto não aprender que as provações são a manifestação do mais terno amor de Deus para conosco. Pois “o amor é forte como a morte”. O amor não é feito só de carinho, de carícias, de beijos e abraços, de encontros íntimos e de doações recíprocas a nível de corpo. O amor é desafiador, exige provas, corrige severamente, livra do mal a duras penas, faz agonizar numa cruz como o Pai fez Jesus agonizar até a última gota de sangue, até o último suspiro, por amor a ele, por amor a nós. Jesus foi duramente provado pelo Pai e manteve-se firme até o fim. Daí sua exaltação.

É preciso entender bem as provações que Deus nos manda. São uma bênção, não castigos. Exata-

mente o oposto dos castigos. Estes estabelecem um distanciamento entre quem castiga e quem é castigado, que corre o risco de ser considerado uma pessoa má, pois só recebe castigo, pois ninguém lhe quer bem. Ora, Deus, sendo amor, só sabe amar. Nós é que não entendemos as manifestações várias desse amor, querendo que se manifeste ao nosso modo, segundo nossa vontade. O livro da Sabedoria diz: “Deus manda as provações mais severas para aqueles a quem mais ama”. E o Livro do Eclesiástico: “Se estás disposto a servir teu Deus, prepara-te para as provações”. É a tônica evangélica: “Toda árvore que dá frutos será podada, para que dê frutos em abundância”. E, “se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e me acompanhe” (Mt 10, 38).



A diferença entre castigos e pro-  
vações é que com aqueles nos senti-  
mos abandonados, mas nas prova-  
ções bem entendidas Deus está bem  
perto de nós. É esta presença senti-  
da, esta certeza de fé vivida, que  
transfigura os sofrimentos das pro-  
vações, verdo nelas não castigos que  
humilham, mas amor que exige nos-  
so soe-guimento, nossa decisão ex-  
clusiva pelo amor primeiro — Deus.  
Sem elas, ficamos apegados a coisas  
menores e esquecemos que é preci-  
so “Amar a Deus sobre todas as coi-  
sas”. Nosso Mestre Jesus viveu du-  
ramente provado, e de todas se saiu  
bem. Até da última, em que as do-  
res atingiram ao limite máximo de  
suas forças, e que ele se sentiu aban-  
donado, como se estivesse duvidan-  
do que o Pai o ama: “Meu Deus,  
meu Deus, por que me abandonas-  
te?” (Mt 27, 46).

Portanto, entendidas sob o â-  
ngulo do amor misericordioso, da cor-  
reção amiúde para que não nos per-  
camos, as provações não nos deixam  
um sabor de derrota, de frustração,  
de ressentimento, de injustiça.  
Deixam-nos, ao contrário, a certe-  
za do amor gratuito de Deus por  
nós. Como poderíamos sentir-nos  
infelizes sabendo-nos amados? Não  
é o amor quem faz feliz? Pode al-  
guém ser feliz sem amar? Claro que  
esta é a visão correta, divina, huma-  
na, embora para o mundo seja lou-  
cura; mas para os que têm fé, é sa-  
bedoria de Deus (Paulo). Mateus (5,  
10) fala da felicidade dos que são  
perseguidos por amor à justiça divi-  
na, embora “o homem se torne mo-  
tivo de riso para seu amigo, quan-  
do eleva seu grito a Deus pedindo-  
lhe misericórdia” (Jó 12, 4). Mas aí  
está a diferença marcante entre a  
proposta de Deus e a dos homens.  
Quem optar pela de Deus, prepara-  
se para ser perseguido, mal interpre-  
tado. Nisto também consistem as  
provações de nossa fé. “Se queres  
servir ao teu Deus, prepara-te para  
as provações”, que virão natural-  
mente em nossa vivência diária da  
fé. “Se o mundo vos odeia, sabeí que  
me odiou antes de vós. Se fôsseis do  
mundo, o mundo amaria o que é  
seu; mas porque não sois do mun-  
do, posto que minha escolha vos ti-  
rou do mundo, o mundo vos odeia”  
(João 15, 18-19).

Provações, segredos do amor  
misterioso e misericordioso de Deus  
para seu povo. Provações, o jeitinho  
divino de nos querer bem e salvar  
o mundo. Maravilhosa pedagogia  
das provações, que realmente nos  
educam para a vida espiritual sadia  
e feliz. Feliz, sim. Pois, uma vez en-  
tendido seu efeito educador, perce-  
bemos quanto bem positivo nos  
trouxeram. Sabedoria de Deus, que  
“escreve certo por linhas tortas”.  
Ele... pode nos conduzir primeiro

por um caminho sinuoso, fazendo  
desabar sobre nós temor e tremor,  
atormentando-nos com sua discipli-  
na, até que possa ganhar nossa con-  
fiança; pode experimentar-nos com  
suas exigências, mas nos conduzirá  
em seguida pelo caminho reto e nos  
descobrirá seus segredos” (Eclesiás-  
tico 4, 16-17). Segredos do coração  
de Deus, que nos criou à sua ima-  
gem e semelhança (Gn 1, 27) e por  
isso mesmo sabe os mais íntimos se-  
gredos de nossa alma, conhece suas  
necessidades por dentro, no seu pró-  
prio ser que saiu de suas mãos.  
Provando-nos, ele quer fazer emer-  
gir esse ser originário que o burbu-  
rinho da vida abafa. ●



Uma  
Congregação  
brasileira  
mineira para  
você

A pedido do fundador que nos  
queria acostumadas a tudo, assu-  
mimos, a partir do carisma do ser-  
vir, as mais diversas obras: edu-  
cacionais, hospitalares, sociais e  
pastorais na lida com o povo em  
geral.

“Sois o suspiro  
do meu coração...”

**Jovem, o convite está feito. Que  
tal você se fazer Auxiliar da Pie-  
dade e deixar ecoar do seu cora-  
ção gritos de liberdade e li-  
bertação?**

**Procure-nos!**

**Para maiores informações:**

Irmã Quitéria Coelho da Cunha  
Colégio N. S. de Lourdes  
Praça Mons. Domingos  
Pinheiro, 162  
37.200 - Lavras - MG  
Fone: (035) 821-1449

# A QUARTA CRUZ

José Wanderley Dias

No Gólgota, deveria haver uma cruz só: a minha.

Não tenho méritos para isto; mas mereceria estar ali. Se alguém deveria ter sido punido, ninguém mais do que eu.

Já, porém, que não posso mudar o curso da História e alterar a redenção, ainda assim no Gólgota deveria haver a minha cruz.

A quarta cruz. Onde expiasse, não os pecados do mundo, não cometidos por mim. Mas todos os pecados do mundo, que eu cometi mais do que ninguém.

Eu, gênero humano; eu, ser humano; eu, raça humana.

Eu, eu, eu. Eu mesmo. O eu de cada um. O eu que há em mim, que não sou melhor que ninguém, dantes sou pior, simplesmente por ser igual.

Um Deus Se crucificou por mim. E que tenho feito senão crucificar aqueles pelos quais Ele sofreu morte de Cruz?

O óbolo da viúva, Ele disse que foi o maior de todos. E as viúvas, e as miseráveis que ficaram sem ter sequer com que dar um pequeno óbolo, porque eu, eu, raça humana, eu ser humano, fiz que tivessem de esmolar para viver?

Ele multiplicou os pães e os peixes.

Eu fiz que houvesse grão no meu celeiro, peixe no meu jantar de sexta-feira, por que eu iria jejuar?

Eu, logo eu...

E o pão que me sobrou e a carne que eu comi fumegante, não pensei que ali estava a carne cansada de meu irmão que não recebeu com que pagar sua refeição e de seus filhos.



Só os que não tivessem pecado poderiam atirar a primeira pedra. E por que sempre fui o primeiro a lançar pedras? E só parar a lapidação cruel depois que todas as pedras haviam sido lançadas. Pedras da injustiça, pedras da agressão, pedras da incompreensão, pedras de todas as perfídias e maldades.

Bem-aventurados os puros, porque deles é o reino dos céus. E lá só entrareis se vos fizerdes como crianças.

Ah, as crianças... Quão pouco tempo puderam sê-lo por minha culpa.

Quão cedo eu desprezei sua inocência... quão cedo eu as fiz conhecer o chicote, a fome, a negação o nada...

E as crianças que eu não deixei nascer... As que eu matei, novo Herodes, mais sanguinário ainda, mais vil ainda, porque me fantasiei de preocupado com o gênero humano e, pela lei, proscreei a reprodução, pela dissolução dos costumes tornei mal-vinda e malquista aquela que redimiria e perpetuaria a raça humana: a criança.

O meu Deus se fez pão e alimento.

E eu permiti a fome de bilhões. O meu Deus disse que os lírios se vestem mais belamente do que Salomão... E eu despi o homem, a mulher, e até a criança quando aboli o sexto mandamento da vida do gênero humano.

Onde estão os pais? Os filhos?

As esposas? Os mestres?

Os que deveriam ensinar?

Os que deveriam minimizar a dor sobre a terra?

O que fiz, durante milhares de anos, que continuou a fazer agora não me autorizam a chamar de traidor a Judas, a não ser que me inclua entre os judas de todos os tempos...

No Calvário deveria haver uma quarta cruz...

A minha...

E só mesmo porque a misericórdia de Deus é infinita é que eu poderia ter alguma oportunidade de não ser inútil a minha merecida punição...

Porque eu não posso dar a desculpa de não saber o que estava e o que estou fazendo...

É pelo que fiz e que faço que deveria estar sendo punido todos os dias de minha vida.

Pendendo da quarta cruz...

# VIDAS PARALELAS

Suely Mendes Brazão

Todas as manhãs, às seis horas, ágil e lépido, ele chegava à janela e parecia dizer:

— Bom dia, minha gente! Estou aqui. Vocês vão bem?

E, em seguida, acrescentava:

— Estou com tanta fome. Hoje preciso comer mais...

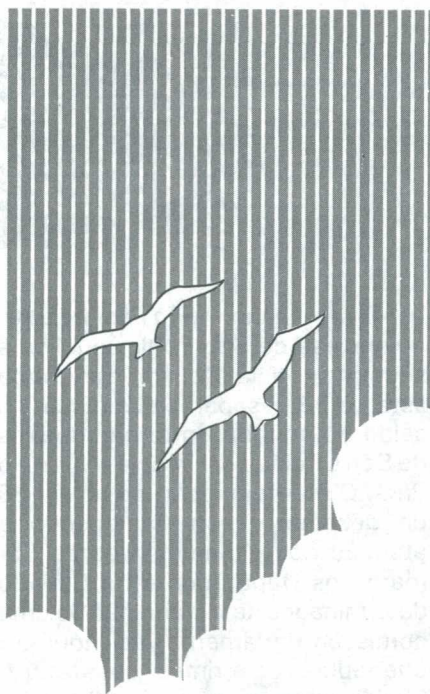
Algumas horas mais tarde, lá pelas dez, o outro entrava em sua sala de trabalho e dizia:

— Oi, pessoal! Estou meio atrasado. Tudo bem por aqui?

E, pouco depois, abrindo uma das gavetas de sua mesa, reservada só para guardar coisas de comer:

— Tomei café em casa, mas a esta hora me dá uma fome... Vamos ver o que tenho aqui hoje: biscoitos, chocolates, queijinhos...

Adolfinho e Adolfo tinham entre si muitas semelhanças: eram fortes, peito largo, cabeça ereta, olhos castanhos, porte avantajado, andar firme, pernas vigorosas, pés que pareciam raízes no chão que pisavam. Mas tinham também outras afinidades, perceptíveis apenas aos olhos mais atentos: vestiam-se sempre com as mesmas cores — cinza para Adolfinho; azul para Adolfo; apreciavam muito as boas e nutritivas refeições — à base de aveia para Adolfinho e de feijão para Adolfo; gostavam de esportes — o futebol era o ponto forte de Adolfo e o vôlei livre, de Adolfinho. Tinham sempre uma aparência alegre, mas um olhar meigo e triste; gostavam de passear por plagas distantes, de se transportar para bem longe; e, embora se mostrassem muito independentes, não podiam prescindir de seus respectivos amores: Clarinha era o bem-querer de Adolfinho; Teresa, de Adolfo.



— Hoje tenho de terminar de construir a parte central. É sempre o que me dá mais trabalho... Mas vai valer a pena. Desta vez vou ter uma casa e tanto! A Clarinha vai gostar. Bem protegida, confortável e arejada. E pensar que consegui um local bem no centro da cidade, com todas as facilidades... Isto é que é sorte!

Adolfinho gostava de trabalhar. Não exageradamente, que ele também precisava de um descanso entre uma fase e outra de seu trabalho diário. Mas agora andava muito entusiasmado com a construção de sua casa.

Também Adolfo apreciava o trabalho. Sentia-se bem quando cumpria seu dever, mas não dispensava o lazer. Se lhe ofereciam alguma tarefa a ser feita nos fins-de-semana, ele recusava: preferia ganhar menos, mas

ter direito à sua folga. Ainda mais agora que não via a hora de ver pronta a sua casa de campo.

— Acho que não posso aceitar... Tenho de ver como vai a construção da minha casa no sítio. Está ficando tão bonita... É aquilo que eu sempre quis. E a Teresa também gosta muito. Ela faz questão de ir para lá toda semana... Sabe como é... É uma boa oportunidade para estarmos juntos.

Tanto Adolfinho como Adolfo tinham seus sonhos. Adolfo almejava um trabalho diferente, que não o deixasse tão preso àquela mesa, àquela sala, àquela rotina.

— Preciso estudar mais para ser advogado do Estado. Vocês sabem, não se ganha muito bem, mas a gente trabalha menos horas e ainda pode defender os pobres, sem ter de cobrar nada deles...

Também Adolfinho tinha suas pretensões. Queria ser mensageiro, realizar trabalhos à distância, sair do seu simples cotidiano para aventuras mais arriscadas.

— Eu bem que gostaria de mudar de profissão. Sei que sou capaz de fazer outro serviço. Gosto muito de longas viagens... Só me está faltando uma oportunidade. Quem sabe um dia eu possa até salvar alguém... Ou talvez entregar alguma mensagem secreta...

Adolfo e Adolfinho talvez não soubessem, mas eram figuras singulares e importantes para os que com eles conviviam, pois ambos tinham admiráveis qualidades: a solidariedade, o companheirismo, a dedicação.

— Sabe, Adolfo, estou muito doente — disse-lhe certa vez um colega de trabalho. — Preciso fazer uma

operação e não tenho todo o dinheiro necessário... Será que você poderia me emprestar algum?

— Claro, empresto o que eu tiver. Sei que é pouco, que não vai dar, mas você não deve se preocupar. Vou fazer uma lista entre os nossos companheiros e você vai ver... O pessoal todo vai ajudar. Tenho certeza. Eu mesmo me encarrego de pedir e explicar sua situação. Você só tem de pensar em recuperar sua saúde. E logo, viu?

— Adolfinho, estamos em perigo! Um terrível e poderoso assaltante está solto por aqui, perto de nossas casas. Ele costuma atacar os mais fracos. Tenho dois filhos pequenos e estou com medo...

— Não se preocupe. Vamos dar um jeito. O inimigo é forte, eu sei... Mas eu conto com o auxílio de alguém mais forte do que ele. E vou pedir ajuda. Vamos conseguir vencê-lo, você vai ver. Continue cuidando de seus filhos e deixe o valentão comigo!

Adolfo e Adolfinho. Um homem, uma ave. Um jovem, um pombo. Um preocupado com a construção de seu ninho; outro preocupado com a construção de sua casa de campo. Um interessado em agradar sua fêmea, a pomba Clarinha, branca como a neve; outro interessado em agradar Teresa, sua bela morena de todas as horas. Um sonhando em ser um alto funcionário público, para vencer barreiras sociais e atingir um fim mais alto; outro sonhando em ser um pombo-correio de alto vôo, para vencer grandes distâncias e atingir um determinado alvo.

Mas ambos com o mesmo princípio inato de solidariedade: o amigo de Adolfo temia a ameaça de uma perigosa enfermidade; o companheiro de Adolfinho tinha medo dos ataques rápidos e certos de um gavião.

Adolfo e Adolfinho. Um homem com a simplicidade, a doçura e a mensagem de paz de um pombo. Um pombo com o sentimento, o idealismo e o senso de responsabilidade de um homem. Adolfo era uma ampla visão do mundo numa só pessoa; Adolfinho era o símbolo vivo de um mundo de paz!

## CPI no congresso investigará massacre em Serra Pelada



O semanário *O São Paulo*, da Arquidiocese de São Paulo, publica a seguinte notícia: Dois mortos e uma lista de 93 desaparecidos. Esse é o saldo do conflito entre garimpeiros de Serra Pelada e a Polícia Militar do Pará. O episódio, ocorrido no dia 29 de dezembro, está merecendo a atenção dos parlamentares da Câmara dos Deputados e no Senado determinados na instauração de uma comissão Parlamentar de Inquérito que apure os crimes que, extraoficialmente, passam dos 90.

A crise no garimpo de Serra Pelada, na cidade paraense de Marabá, atingiu sua mais alta dimensão no final de dezembro, quando três mil garimpeiros e suas famílias bloquearam a ponte rododiferroviária sobre o Rio Tocantins, em Marabá, exigindo maior segurança de trabalho. No dia 28 de dezembro, após 36 horas de ocupação, a Polícia Militar usou de violência para desajolar os manifestantes e a partir daí corpos começaram a surgir boiando no rio, um número que segundo a Polícia Federal beira os 95 "desaparecidos" e que segundo dados da PM somam dois mortos e 20 feridos.

A operação montada para desalojar os garimpeiros da ponte sobre o Rio Tocantins contou, além da PM, com a ação do Exército, através de uma guarnição do Batalhão da Infantaria da Selva. Como a própria Polí-

cia Federal aponta como desaparecidas 93 pessoas, que, segundo testemunhas, estão aparecendo na forma de corpos boiando no rio, a Polícia Militar atesta que agiu "dentro dos padrões de técnica policial e o número de baixas é quase desprezível".

Entretanto, não é essa a versão de garimpeiros que testemunharam o conflito e que escaparam com vida. Segundo eles o contingente policial, formado por 350 homens, invadiu a ponte atirando sem rumo e os manifestantes ou eram atingidos ou jogavam-se na água. Dezoto dos "desaparecidos" são proprietários de barracos para a lavra de ouro e se estivessem vivos teriam ao menos enviado notícias para não perderem suas concessões.

O episódio moveu um pedido da Anistia Internacional para que fossem feitas investigações no local, mesmo pedido em tramitação na Câmara e no Senado, que aprovaram a criação de uma CPI que pretende esclarecer, dentro de 30 dias, o número real de garimpeiros mortos e indicar os responsáveis pelo massacre.

Recentes boletins da Comissão Pastoral da Terra de Goiânia (GO) relatam detalhadamente os tristes fatos e trazem depoimentos onde há testemunhas oculares do que ocorreu sobre a ponte do rio Tocantins. Foi um verdadeiro massacre.

# NOSSA SENHORA DA GLÓRIA

O município de Nossa Senhora da Glória está situado no sertão sergipano do São Francisco.

Possui uma área de 764 km<sup>2</sup>, e está numa altitude de 300 metros acima do nível do mar. A temperatura anual varia entre 18 e 38°C. Os ventos são moderados. Dista da capital 116 km, ligando-se pela rodovia Engenheiro Jorge Neto até a BR 101.

A população está estimada em 20.437 habitantes assim distribuídos: 11.877 na zona rural e 8.560 na zona urbana. Hoje a população já deve estar atingindo a casa dos 30.000 habitantes.

## Origem dos nomes

O primeiro nome foi Boca da Mata. Originou-se de ranchos de tangedores de gado e viajantes vindo do Sertão em direção a Cotinguiba em busca de abastecimento de açúcar e jabá (carne seca), onde faziam pousadas, ao cair da tarde, antes de entrar na mata virgem, que possuía uma vegetação mais alta e densa.

Em 1904 o padre Francisco Gonçalves Lima, que atendia a região, vendo o amor e fervor dos fiéis a Nossa Senhora, mãe de Jesus, denominou o povoado de Nossa Senhora da Glória e, daí por diante, para uns Boca da Mata e para outros Nossa Senhora da Glória. O povoado só foi oficialmente chamado de Nossa Senhora da Glória através da lei estadual n.º 835, de 6 de fevereiro de 1922, que tornou o povoado II Distrito de Paz do Município de Gararu-SE.

O município foi criado através da lei estadual n.º 1.014, de 28 de setembro de 1928, sendo denominado Município de Nossa Senhora da Glória



com sede na vila do mesmo nome — Nossa Senhora da Glória — delimitado e desmembrado do município de Gararu.

Nossa Senhora da Glória tem atualmente 42 unidades escolares rurais, sendo que 64% já dispõem de prédios próprios. A zona urbana possui: 2 colégios de 2.º grau; 2 escolas estaduais de 1.º grau; 5 escolas municipais de 1.º grau (até a 4.ª série); 4 pré-escolas (2 estaduais e 2 municipais).

A religião católica construiu na zona urbana a igreja Matriz e a Igreja Nossa Senhora da Conceição, que funciona em um galpão, e na zona rural 4 capelas. A Igreja Protestante mantém 6 igrejas, sendo que a seita Testemunha de Jeova funciona em um galpão.

Na área de saúde encontramos em Nossa Senhora da Glória: 1 hospital regional do Estado, 1 hospital do Funrural, 1 centro médico odontológico do Estado, 1 clínica e vários postos de Saúde.

Quem quiser participar das festas regionais da cidade, o calendário é o seguinte: festa dos Reis Magos no dia

5 de janeiro; exposição de caprinos e ovinos em setembro; vaquejadas em agosto; juninas no dia de São João e São Pedro; emancipação política em setembro. As religiosas: festa da padroeira em agosto; maio, o mês de Maria.

A tradição em festas na cidade; festas juninas com fogueiras, mastros (árvores), fogos de artifício, casamento de Matuto. Festa de reis.

Os pontos de destaque da cidade: praça Getúlio Vargas; jardim da infância Pequeno Príncipe; penitenciária estadual na zona urbana. E na zona rural: Beleza; Rio Capivara; Barragem do Algodoeiro.

Há um museu, o museu da Boca da Mata, com mais de 1.000 peças do artesanato "Véio", figura popular de Nossa Senhora da Glória. Cícero Alves dos Santos, o "Véio", é escultor, nativo da cidade Nossa Senhora da Glória e de grande destaque nas altas camadas da sociedade brasileira.

Ainda podemos encontrar em Nossa Senhora da Glória: 2 hotéis, 2 supermercados, 6 lojas de tecidos e confecções em geral, 16 armarinhos, 7 farmácias, 3 agências bancárias, 4 restaurantes, 5 churrascarias, 2 postos de gasolina, 3 butiques, 5 padarias, 4 indústrias de madeira e 1 indústria de queijo.

O atual prefeito da cidade é o senhor Antonio Alves Feitosa. ●

(Dados fornecidos por José Ananias dos Santos.)

## Nota:

Prezado leitor, se a sua cidade, de alguma forma, tem o nome relacionado com o nome de Nossa Senhora, mande dados, fotos e informações da mesma para a revista Ave Maria e serão publicados.

# "Quero dizer meu sim como tu, Maria!"

Sertão da Quina. Missa de despedida de 1987. Preparação para o Novo Ano. Liturgia dedicada a Maria, Mãe de Deus. Dia da Paz.

O celebrante, um franciscano ainda jovem. A comunidade, gente bem simples, cantava como se fosse um grande coral de vozes brotando da alma, tão sentida:

— A paz é uma criança que Maria vai nos dar... Tão pequeno que nem reconheço que Ele é infinito, que Ele é o próprio Deus...

Na homilia, procurando um linguajar acessível àquelas pessoas humildes, o pregador falou sobre o significado de Paz. Não o sentido psicológico-ausência de conflitos internos. Nem o sentido sociológico-ausência de guerras, lutas, conflitos sociais. PAZ — presença do Cristo, sua aceitação, em todos os acontecimentos de nossa vida. E frisava muito — "não só os positivos". Ele também se manifesta através do sofrimento, através da pobreza, até mesmo da violência. Paz é o SIM de Maria. Que não se restringiu à aceitação da maternidade de Cristo:

— Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra (Lc 1, 38).

Aceitação que se repete a cada momento como que nos lembra o Evangelista (Lc 2, 18-19).

— Todos os que ouviram se admiravam do que lhes disseram os pastores. Quanto a Maria, conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração.

Aceitação que tem seu conto culminante no Calvário.

O pregador exortava para que nós fizéssemos o mesmo. Rememorássemos cada dia de 1987 e meditássemos sobre eles. A fim de que, como



os israelitas o foram por Aarão e seus filhos, como os franciscanos o foram por São Francisco, nós recebêssemos a bênção:

— O Senhor te abençoe e te proteja! Que o Senhor faça resplandecer a sua face sobre ti e te seja benevolente! Que o Senhor dirija o Seu olhar para ti e te conceda a paz! (Números 6, 24-26).

Fiquei pensando como é difícil enxergar Deus nos fatos de nossa vida. Dizer SIM continuamente ao casamento, quando o parceiro não valoriza as nossas necessidades, nem mesmo as percebe... SIM, aos caminhos escolhidos pelos filhos, que nem sempre coincidem com os que esperávamos... E eu continuei a refletir, durante a cerimônia, como é difícil dizer SIM. Ao mesmo tempo, unia a minha voz ao coro dos fiéis:

— Quero dizer meu SIM como tu, Maria.

À criança maltrapilha e subnutrida que, mãos estendidas, avança para os carros, quando o farol fecha...

— Quero dizer SIM como tu, Ma-

ria... Ao bêbado, jogado na calçada... À família alojada debaixo da ponte...

— Quero dizer SIM como tu, Maria...

Mas, como é difícil! Continuei a pensar. Olhei em volta... Talvez seu João, cuja mulher não veio à missa porque estava fazendo farinha, o saiba... Talvez o saiba a pessoa que leu a Epístola, segurando o folheto com suas mãos calosas, tropeçando nas palavras difíceis... O casal que vi na praia, esperando o carrinho com o filho deficiente, provavelmente o saiba... A mulher na sargeta, dedos dos pés separados de tão inchados, desgrenhada, rosto deformado, acarinhando a cabeça de seu homem, dormindo em seu colo — pura ternura — certamente sabe... Cantei mais forte o refrão:

— Quero dizer meu SIM como tu, Maria, como tu um dia, como tu, Maria... Quero dizer meu sim. — O coro repetiu quatro vezes isto, secundado pelo povo. Acho que é porque o NÃO é tão forte. Senti-o esforçando o SIM. Se acasalando a ele enquanto o padre sugeria: "rememore todas as coisas..." Lembranças de quantas angústias... De quantos conflitos... Sim. Não, SIM. Não é a esta anuência, que por sua vez não significa acomodação, que o pregador chamou de PAZ?

Ó meu Deus, ajude-me a dizer SIM!... A exclamar como o grande cristão Leon Blois: — Tudo que me acontece é adorável.

E o canto brotou mais forte. É ele que trago para vocês:

— Quero dizer meu SIM como tu, Maria! Quero servir o irmão como tu, Maria! Quero encontrar Jesus como tu, Maria!

Myrian Valias de Oliveira Lima



# JANTAR SIMPLES

## ENTRADA: Sopa Suíça

**Rendimento:** 5 porções

**Ingredientes:**

1 colher (sopa) de margarina ou manteiga  
 2 colheres (sopa) de cebola ralada  
 2 colheres (sopa) de alho-poró, picadinho  
 3 colheres (sopa) cheias de maisena  
 2 xícaras (chá) de leite  
 2 gemas  
 2 cubos de caldo de galinha, dissolvidos em 4 xícaras (chá) de água fervente

250 gramas de queijo parmesão ralado  
 pimenta-do-reino, se quiser

1. Leve a margarina (ou manteiga) ao fogo médio, junte a cebola e o alho-poró, e refogue por alguns minutos.
2. Adicione a maisena diluída no leite e as gemas ligeiramente batidas.
3. Banhe tudo com caldo de galinha e cozinhe, mexendo sempre, até obter uma mistura cremosa.
4. Retire do fogo, adicione 150 gramas do queijo ralado e a pimenta, se quiser.
5. Sirva imediatamente, polvilhada com o queijo restante.

## PRATO PRINCIPAL: Bifes de Hamburgo

**Rendimento:** 5 porções

**Ingredientes:**

500 gramas de carne de vaca  
 1 ovo  
 1 xícara (chá) de miolo de pão, embebido em leite e bem espremido  
 1 fatia de presunto ou bacon  
 1 colherinha (café) de margarina  
 sal  
 1/2 cebola

salsa  
 pimenta-do-reino (se quiser)

1. Passe, na máquina de moer, a carne com o presunto, salsa e cebola.
2. Junte o ovo, o pão, a margarina, sal e a pimenta.
3. Misture bem, até ficar uma massa homogênea.
4. Faça bolas um pouco maiores do que uma noz.
5. Achate-as bem, para que fiquem bifes.
6. Passe cada bife na farinha de trigo, nos ovos batidos e na farinha de rosca.
7. Frite os bifes em óleo bem quente.

## ACOMPANHAMENTO: Creme de espinafre com torradas

**Rendimento:** 5 porções

**Ingredientes:**

Torradas  
 Ovos cozidos  
**Creme de espinafre:**  
 1 maço de espinafre  
 sal  
 cebola ralada  
 leite

farinha de trigo  
 margarina

1. Escolha o espinafre, lave-o e cozinhe na água e sal.
2. Bata, reduzindo-o a purê.
3. Refogue a cebola na margarina e junte o espinafre.
4. Acrescente o leite e farinha de trigo. Mexa até obter um creme.
5. Tire do fogo, junte uma ponta de colher de margarina e mexa.
6. Sobre cada torrada, arrume uma colherada do creme de espinafre e uma fatia de ovo cozido.

## SOBREMESA: Batata-doce ou mandioca em calda

**Rendimento:** 5 porções

**Ingredientes:**

500 gramas de batata-doce ou mandioca  
 1 1/2 xícaras (chá) de açúcar  
 1 1/2 copos de água  
 canela em pau

1. Lave e cozinhe com casca, em água quente, a batata-doce ou mandioca.
2. Descasque e parta em rodela grossas.
3. Prepare uma calda com açúcar e água.
4. Quando estiver em ponto de fio forte, coloque os pedaços de batata-doce ou mandioca.
5. Deixe ferver por 5 minutos.  
*Opativo: frutas da estação*

(Fontes de consulta: 6 capítulos de Garfo e colher, Receitinhas para você, do Sesi e As 200 melhores receitas, da Refinações de milho Brasil Ltda.)

# O psiquiatra pode ajudar um alcoólatra (mas só descartando teorias ultrapassadas)

Não se recuperarão números significativos de alcoólatras neste país enquanto persistirem duas idéias que, embora falsas, são mantidas por quase toda pessoa — inclusive a maioria dos médicos e psiquiatras — no Brasil.

A primeira idéia falsa sobre os que consistentemente bebem demais é que o beber exagerado do alcoólatra é um sintoma de algum *outro* problema do bebedor, externo ou interno. A segunda idéia falsa é que esse beber exagerado é temporário e o alcoólatra voltará a ser um bebedor normal tão logo as "causas" do seu beber forem descobertas e eliminadas.

Aqui está um trecho de uma das cartas que recebo quase diariamente de pessoas que estão tentando compreender o beber exagerado de algum membro da família:

"Meu marido é filho adotivo, muito embora criado com todo o carinho pela família que o adotou. Ele não aceita muito bem esta condição de vida e não tem como e nem quer procurar uma aproximação com os pais verdadeiros que são desconhecidos. *Não sei se é este o motivo que o leva a beber*". (Minha resposta: não é, não.)

Tenho um livro intitulado *Ajuda-te pela psiquiatria!*, escrito por um psiquiatra e psicanalista norte-americano chamado Frank S. Caprio. Foi publicado inicialmente nos EUA em 1957, mas suas idéias são amplamente aceitas hoje no Brasil (infelizmente).

Entre outras coisas erradas, o livro diz o seguinte: "Os psiquiatras adquiriram grande conhecimento sobre as pessoas que bebem excessivamente. Hoje em dia nós sabemos que o al-

coólatra é um indivíduo *doente* que sofre de *má adaptação da personalidade*". (Com isso, o Dr. Caprio quer dar a entender que o alcoólatra bebe por sofrer dessa má adaptação de personalidade, quando a verdade é o contrário.)

Aí, o Dr. Caprio passa a explicar as várias teorias que, segundo a psiquiatria, explicam por que determinadas pessoas "são impelidas por uma compulsão íntima a beberem em excesso", mencionando a teoria do escapismo (o alcoólatra supostamente bebe para fugir da vida), a teoria do suicídio psíquico (ele quer se matar e por isso bebe) e a teoria da libertação das inibições. O Dr. Caprio esqueceu de mencionar duas outras teorias — a do homossexualismo latente (uma teoria bolada presumivelmente porque nos botequins se encontram na maioria homens!) e a da fase oral de desenvolvimento do alcoólatra (segundo a qual ele não mamou direito quando era criança e *agora* é que está compensando a falta anterior, mamando na garrafa!) Todas estas teorias já foram relegadas à categoria de conceitos ultrapassados pelos novos conhecimentos no campo de alcoolismo.

Finalmente, Dr. Caprio conclui: "A experiência demonstrou ao psiquiatra que, se ele alcançar a cura dos *conflitos de personalidade* de seu paciente alcoólatra, o *sintoma* (o desejo irreprímível e excessivo pelo álcool) subseqüentemente desaparecerá".

São idéias como estas que levam alcoólatras — ao considerar buscar uma solução para os problemas psicossociais que os afligem — a procu-

rarem profissionais de saúde mental. E são idéias como estas que levam os profissionais de saúde mental a diagnosticar seus pacientes de forma errada (pois os sintomas de alcoolismo são também os sintomas de certas doenças mentais como paranóia, psicose maníaco-depressiva, esquizofrenia, depressão etc.) ou a tratá-los erradamente se porventura forem diagnosticados corretamente como alcoólatras.

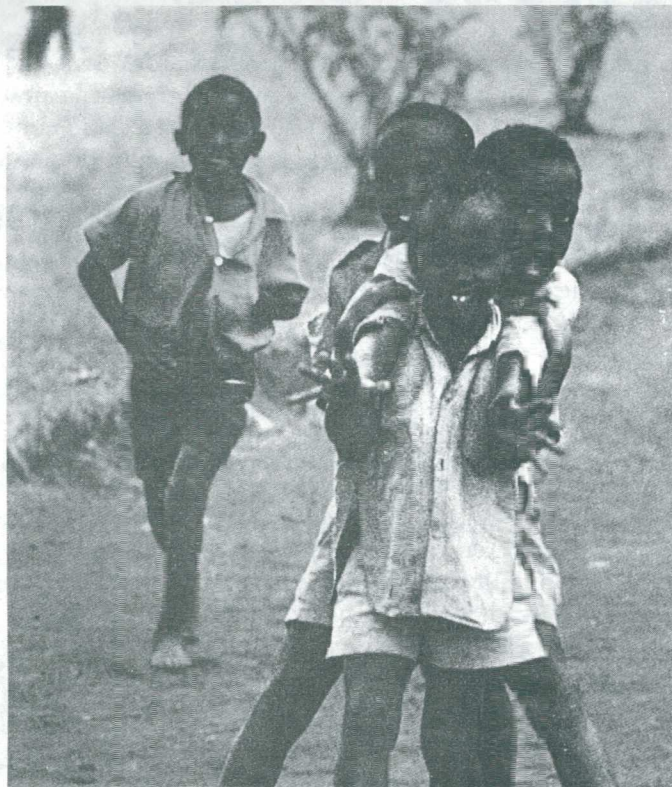
Há mais de quinze anos tais idéias vêm sendo progressivamente descartadas nos EUA. Aliás, invertidas. Hoje, os especialistas norte-americanos em alcoolismo consideram que o alcoolismo não é uma doença secundária, isto é, não é sintoma de uma outra coisa, como conflitos de personalidade. Os conflitos de personalidade é que são os sintomas do alcoolismo, hoje reconhecido como doença *primária*.

Isto explica por que, no Brasil, os médicos e o povo acham que o alcoólatra é um caso perdido. É que ele quase nunca é tratado por alcoolismo, e, quando é, o tratamento é mal orientado. Segundo o Dr. Harry Tiebout, famoso perito psiquiátrico em alcoolismo, a psiquiatria ajuda a apenas 3% dos alcoólatras. Com os demais, a psiquiatria tem fracassado retumbantemente.

O psiquiatra que entende de alcoolismo exigirá, primeiro, que o alcoólatra pare de beber, caso contrário recusar-se-á a tratá-lo. Mas, se o alcoólatra parar de beber primeiro, e se o psiquiatra não fechar os olhos para a necessidade — além de sua recuperação emocional — de um desenvolvimento espiritual, o psiquiatra poderá auxiliar seu paciente a entender que o beber exagerado foi a causa e não a conseqüência de seus problemas sociais, maritais, financeiros, sexuais, emocionais, físicos, psicológicos e espirituais.

Dessa forma, um psiquiatra pode ser de grande valia e ajuda para um paciente alcoólatra. Como a minha foi para mim. ●

Donald Lazo



# Os quinze passos do menor

*Olá, como vai? Sou I. Tenho 12 anos e quero escrever aqui 15 passos que o menor segue em sua vida:*

## 1.º passo

A criança é condenada à morte antes de seu nascimento.

Menina-mãe, no seu ventre um menino está sendo gerado "sem vida". Está condenado à morte da subnutrição, a morte das necessidades básicas de sobrevivência: pão, casa e família.

## 2.º passo

O menino recebe a cruz: carrega todos os sofrimentos possíveis.

Menino — como é que você agüenta carregar uma cruz tão pesada?

Menino novo, você chora de fome, você chora de frio, você chora por carinho, você chora com sede, você chora...

## 3.º passo

O menino dá o seu primeiro grito de libertação:

### O roubo

Menino que está na rua, você está com fome, você está sem casa, você está sem carinho, você está sem amor.

Você puxou a bolsa da moça que passava. Você roubou.

Todos evantam os bra-

ços contra você. Todos o acusam:

— É um ladrão:

— Pivete!

Malandro:

— Pega ladrão:

Foi a sua primeira queda.

— Quem vai lhe dar a mão para ajudá-lo a levantar-se?

## 4.º passo

O menino encontra sua mãe: a rua.

Menino, menina que está na rua, você não tem pão, não tem pai, não tem mãe. Sem casa, sem pão, sem proteção, você corre para a rua e encontra a "mãe".

É na rua que você acha um chão para dormir, uns trocados para o pão. E às vezes a rua se torna seu lar.

## 5.º passo

O irmão (colega de rua) ajuda-o a carregar a cruz.

Ó menino, foi na rua que você encontrou meninos e meninas como você!

Quando você sofre eles e elas estão ao seu lado, sofrem com você.

Menino, sofredor, foi na rua que você encontrou alguém que o ajuda a carregar essa cruz tão pesada.

## 6.º passo

Ninguém reconhece Jesus no rosto do menor abandonado.

Menino da rua alguém chegou e pensou em você como filho de Deus que tem direito à vida plena?

Quem colocou a mão no seu ombro e o ajudou a ser mais feliz foi alguém que viu em você Jesus Sofredor.

— O Jesus sem pão, sem roupa, sem casa, doente e sedento.

## 7.º passo

O menino volta à rua e dá seu segundo grito de libertação: o fumo, a droga.

Você, menino da rua, você ouviu quando gritaram: menino ladrão, pivete, trombadinha!

Você correu, foi preso, você chorou. Gritou!

Raspam sua cabeça.

E você saiu por aí com a cabeça raspada, fumando um cigarro e gritando bem alto:

— Olhem, eu aqui! Não sou mais criança. Sou homem, estou fumando e vocês o que estão fazendo por mim?

## 8.º passo

O menino faz sua denúncia:

— Não chorem por mim mas pela injustiça de vocês.

## 9.º passo

Um menino agora jovem dá o seu grito de libertação: assassinato.

## 10.º passo

Jovem da rua, marginalizado de qualquer esperança.

## 11.º passo

A sociedade capitalista prega-o na cruz da marginalização.

## 12.º passo

O jovem, como Cristo, dá um grito e morre.

## 13.º passo

O corpo do menor, da "jovem" é recebido nos braços da mãe rua.

## 14.º passo

O jovem é sepultado pelos preconceitos e discriminações de uma sociedade injusta.

## 15.º passo

A ressurreição acontecerá. Dependendo de todos nós.

(I.C.C. - 12 anos — Belo Horizonte, MG)

## PÁSCOA DO SENHOR, NOVA CRIAÇÃO E NOVO ÊXODO

*Domingo de Páscoa*  
03/04/88

**1ª leitura - At 10,34a.37-43:**

Este texto é o núcleo central do discurso de Pedro em Cesaréia, na casa do centurião Cornélio, que se converte à fé em Cristo. Podemos notar o grande entusiasmo de Pedro diante de uma experiência até então nova para ele — a abertura da Igreja nascente à universalidade — os pagãos têm acesso à mensagem do evangelho. É precisamente esta mensagem evangélica que encontramos na perícopa de hoje — é a síntese da mensagem cristã: de um lado o anúncio do querigma (vv. 37-41) e de outro, o apelo, o chamado para a fé (vv. 42-43). É importante ressaltar os aspectos principais deste discurso: a consagração messiânica de Jesus pela unção do Espírito Santo no seu batismo no Jordão (v. 38), sua atividade ministerial anunciando o Reino e manifestando sua presença por meio de curas etc. (v. 38), a sua morte e sua ressurreição — a experiência vital da sua ressurreição por parte dos discípulos (que haviam comido e bebido com ele) (v. 41) e a missão dos apóstolos que são chamados a anunciar a Jesus como o juiz dos vivos e dos mortos, como o Messias e libertador, pois ele venceu o pecado e a morte — ele ressuscitou.

**2ª leitura - Cl 3,1-4 ou 1 Cor 5,6b-8:**

A carta aos colossenses não contém, como a primeira leitura, uma narração da ressurreição ou como ela aconteceu, mas se preocupa em mostrar o significado teológico da ressurreição de Jesus para nós, isto é, qual a relação que existe entre a ressurreição de Cristo e a vida dos cristãos. E o que São Paulo nos diz é que nós que ressuscitamos com Cristo devemos buscar as coisas do alto e não as da terra; isto quer dizer que cada cristão participa da Páscoa de Jesus, de sua morte e ressurreição por meio de seu batismo e por isso já não pode viver numa vida de pecado e trevas, mas sim manifestar a todos a vida nova, a vida do alto, a vida do ressuscitado.

**Evangelho - Jo 20,1-9:**

Este texto do evangelista João é chamado o itinerário da fé, pois nos coloca diante da trajetória dos apóstolos até a fé na ressurreição, pois inicialmente pensam que tenha sido roubado (v. 2) até que os sinais ali presentes, a pedra fora de lugar, o sudário dobrado, os pa-



nos por terra, os levam a “ver e a crer”. Ver e crer é o resultado da experiência da ressurreição de Jesus — não a contemplaram mas a compreenderam, a partir da Escritura e de tudo o que Jesus havia realizado em sua vida, que ele era o Filho de Deus, vencedor do pecado e da morte.

**Comentário:**

O salmo de meditação nos diz: Este é o dia que o Senhor fez, dia de júbilo e de alegria (Sl 117) e nos recorda o início da criação do mundo (cf. Gênesis), que hoje é renovado, recriado na ressurreição de Cristo. A vida renasce, não há mais morte. Hoje celebramos o ponto culminante de nossa vida cristã, pois Cristo ressuscitou e sua ressurreição é o resgate de todo ser, de todo homem a uma nova ordem de relação no mundo. Por isso celebrar o mistério pascal implica nossa união com o seu amor terreno — Jesus, por onde andava, fazia o bem e manifestava a presença do Reino de Deus (cf. 1ª leitura) — com seu exemplo, de modo que, renascidos, ressuscitados com ele em nosso batismo, busquemos as coisas do alto (2ª leitura) e cheguemos a transformar toda a realidade existente. Celebrar a Páscoa é, portanto, alegrar-se e viver intensamente a vida e fazer com que todos a vivam plenamente — o Senhor venceu o pecado e a morte.

**ABRIL: Dia 4, 2ªf.: At 2,14.22-23; Mt 28,8-15. Dia 5, 3ªf.: At 2,36-41; Jo 20,11-18. Dia 6, 4ªf.: At 3,1-10; Lc 24,13-35. Dia 7, 5ªf.: At 3,11-26; Lc 24,35-48. Dia 8, 6ªf.: At 4,1-12; Jo 21,1-14. Dia 9, SÁBADO: At 4,13-21; Mc 16,9-15.**

## A COMUNHÃO DOS BENS NA COMUNIDADE

*2º Domingo da Páscoa*  
10/04/88

**1ª leitura - At 4,32-35:**

“Os fiéis tinham tudo em comum”, é com um novo ideal que a comunidade primitiva vive sua fé em Jesus Cristo. Neste texto temos um relato da vida da primeira comunidade cristã e o que vemos é o resultado da vida nova recebida do Cristo e do Cristo que ressuscitou dos mortos. A ressurreição de Jesus é a força que impele homens e mulheres a viverem plenamente o seu batismo e a sua vida em comunidade: ninguém considerava como seu o que possuía mas vendiam seus bens e colocavam o dinheiro em comum. Este ideal é um gesto de disponibilidade que não pode ser visto somente no que toca à economia, mas é sinal de um coração con-



vertido, novo, que experimentou a vida nova em Cristo. Este sumário da vida da comunidade cristã nos leva hoje a perceber que só viveremos plenamente a Páscoa do Senhor lutando pela comunhão plena entre os cristãos.

**2ª leitura** - 1 Jo 5,1-6:

Podemos dizer que esta perícopes nos coloca diante da motivação teológica pela qual o nosso cristianismo deve necessariamente ser prático, concreto. Se nós vamos viver em comunhão, em fraternidade (1ª leitura) é porque somos todos filhos de Deus. Quem crê, diz São João, nasceu de Deus. Assim nós somos chamados a concretizar a irrupção do Ressuscitado no mundo e em nossa vida reconhecendo naquele que vive ao nosso lado um irmão.

**Evangelho** - Jo 20,19-31:

O evangelho de hoje nos mostra como os apóstolos vencem o medo diante da prisão e morte de Jesus e passam a viver a fé no Ressuscitado. O texto nos mostra os apóstolos reunidos no cenáculo e a aparição do Ressuscitado na tarde do primeiro dia da semana. Este detalhe é importante — desde o início da comunidade cristã, o domingo, chamado o primeiro dia da semana, que é o momento de encontro com o Senhor e com o Senhor vivo e presente no meio de sua Igreja. E a comunidade reunida recebe do Senhor os dons da vida nova — a sua paz e o Espírito Santo. Como o Espírito que pairava sobre as águas na gênese da criação, assim o Espírito do Ressuscitado renova o mundo, faz nascer a nova criação que vive o dom da fé. A fé é um dom e é preciso aceitá-lo. Nem sempre a praticidade do homem lhe permite perceber esta nova dimensão em sua vida — é o que acontece com Tomé. Ele precisa ver para crer. A experiência da ressurreição não se faz pela visão, pelo contato físico, mas, à medida que nos abrimos ao dom de Deus, que é o seu próprio Espírito, reconhecemos que o Senhor vive e nos dá sua paz e reconciliação.

**Comentário:**

Neste segundo domingo da Páscoa a liturgia da Palavra nos faz perceber que devemos viver a profunda dimensão horizontal do amor fraterno e a dimensão vertical da fé e do amor a Deus. Isto quer dizer, em outras palavras, que nossa fé precisa ser prática, que a fé sem obras, como diz São Tiago, é morta. O amor pelos irmãos nasce do amor a Deus e é expressão e concretização deste amor. A própria liturgia de hoje nos oferece o exemplo concreto do amor em comunidade — a plena comunhão que chega até a comunhão de bens (1ª leitura) e o mandamento do amor aos irmãos, porque todos somos filhos de Deus (2ª leitura), e a vivência da paz e da reconciliação, porque vivemos a ressurreição, a vida que o Senhor nos deu pelo seu Espírito.

**Dia 11, 2ªf.:** At 4,23-31; Jo 3,1-8. **Dia 12, 3ªf.:** At 4,32-37; Jo 3, 7b-15.  
**Dia 13, 4ªf.:** At 5,17-26; Jo 3,16-21. **Dia 14, 5ªf.:** At 5,27-33; Jo 3,31-36.  
**Dia 15, 6ªf.:** At 5,34-42; Jo 6,1-15. **Dia 16, SÁBADO:** At 6,1-7; Jo 6,16-21.

## CRISTO RESSUSCITOU DOS MORTOS

**3º Domingo da Páscoa**  
17/04/88

**1ª leitura** - At 3,13-15.17-19:

Este texto nos traz o discurso de Pedro no Templo de Jerusalém, quando para lá se dirigiu para a oração das quinze horas, juntamente com João. Lá chegando, foram abordados por um aleijado que pedia esmolas, o qual foi curado por Pedro (v. 6-7). Após sua cura todos se maravilhavam com o acontecido; então, Pedro proclama o seu discurso, o querigma pascal, que traz toda a síntese de sua vida, que é a sua ressurreição dos mortos, sinal de que o nosso Deus é o Deus dos vivos e o Deus da salvação que quer que todos se salvem pela fé em seu Filho. É por isso que Pedro pede a conversão e a penitência para que assim sejam perdoados os nossos pecados e se possa viver a vida que Deus em Jesus nos preparou (v. 19).

**2ª leitura** - Jo 2,1-5a:

Num tom muito afetuoso, “filhinhos”, São João continua anunciando a realização do mistério pascal de Jesus — ele morreu para os nossos pecados, ele é o nosso advogado junto ao Pai (v. 12). Mas para conhecê-lo é preciso observar os seus mandamentos para não mais pecar e entrar em plena comunhão com ele (o sentido do verbo conhecer na Bíblia e usado por João no v. 4).

São João completa dizendo ainda que para se chegar à perfeição no amor a Deus é preciso guardar a sua palavra, isto é, não só ouvi-la, mas torná-la ação, sinal de sua presença, particularmente de sua vida, que o Ressuscitado nos trouxe.

**Evangelho** - Lc 24,35-48:

Este texto é a continuação da passagem dos discípulos de Emaús, que tiveram a experiência da ressurreição e da presença no Ressuscitado ao longo do caminho e particularmente ao partir o pão. A perícopes mostra mais um encontro de Cristo ressuscitado com sua Igreja, a sua comunidade. Como vemos, a iniciativa é sempre dele (v. 36). Por outro lado, a resposta a tal iniciativa nem sempre é aquela esperada — a fé. A reação dos discípulos indica que a ressurreição de Jesus é um mistério de salvação que supera a pura verificação experimental, mas ela se deve experimentar na proclamação da fé e é por isso que Lucas coloca Jesus mostrando as mãos, os pés, comendo peixe e dizendo que era ele mesmo e não um fantasma (v. 39). Somente o anúncio da fé, da Palavra de Deus, o convite à conversão e a pro-



clamação da remissão dos pecados podem fazer compreender ao homem de hoje que o mesmo Jesus continua vivo e presente em sua Igreja, ainda que seja difícil sentir a sua presença ou, como os apóstolos, sentir medo dele ou pensar que seja um fantasma.

#### **Comentário:**

Cada domingo deste tempo de Páscoa vai nos inserindo mais profundamente no mistério pascal de Cristo, do qual participamos pelo batismo e vai nos fazendo ver os modos concretos de torná-lo preso aos homens de nosso tempo. Se o domingo da Páscoa nos mostrava a novidade da ressurreição de Jesus, e o segundo domingo nos fazia ver a autêntica vida comunitária de comunhão e de amor como sinal da vida do ressuscitado, hoje o tema central nos mostra que na Páscoa de Jesus fomos perdoados de nossos pecados, e somente à medida que vivermos na conversão, na mudança de vida, experimentaremos a remissão dos pecados que ele nos mereceu. A fé, portanto, é acreditar na presença do Ressuscitado na Igreja e o perdão dos pecados que ele continua a realizar em nós.

**Dia 18, 2<sup>af.</sup>:** At 6,8-15; Jo 6,22-29. **Dia 19, 3<sup>af.</sup>:** At 7,51-8,1a; Jo 6,30-35. **Dia 20, 4<sup>af.</sup>:** At 8,1b-8; Jo 6,35-40. **Dia 21, 5<sup>af.</sup>:** At 8,26-40; Jo 6,44-51. **Dia 22, 6<sup>af.</sup>:** At 9,1-20; Jo 6,52-59. **Dia 23, SÁBADO:** At 9,31-42; Jo 6,60-69.

## EM JESUS CRISTO ESTÁ A SALVAÇÃO

### 4.<sup>o</sup> Domingo da Páscoa

#### 1.<sup>a</sup> leitura - At 4,8-12:

Esta perícopes é a continuação do domingo passado — Pedro, após curar o paralítico, fazer o seu discurso pascal no Templo, foi preso, e o texto de hoje é a resposta que ele dá diante do sínédrio. Ele reafirma a messianidade de Jesus, a sua morte e ressurreição pela qual se tornou não só o salvador de todos os homens, mas o único no qual se pode obter a redenção (v. 12). Somente no nome de Jesus é que se pode ser salvo — isto é, somente vivendo a vida que ele viveu, comprometendo-se com seu evangelho, é que sua vida se fará presente no mundo. Como diz Pedro: “A pedra rejeitada tornou-se a pedra principal da construção” (v. 11).

#### 2.<sup>a</sup> leitura - 1 Jo 3,1-2:

Nestas poucas linhas que hoje lemos encontramos uma grande profundidade — o amor de Deus por nós é tanto que nos faz seus filhos, não só somos chamados



assim, mas é o que realmente acontece. Mas, como diz João, quando ele se manifestar nós seremos semelhantes a ele e veremos como ele é (v. 2).

#### **Evangelho - Jo 10,11-18:**

“Eu sou o bom pastor”, diz Jesus. A cada ano, o quarto domingo da Páscoa é dedicado ao Bom Pastor, Cristo, que é o companheiro e o guia da comunidade dos fiéis, a Igreja. Jesus ainda se declara como porta do rebanho — ele é o verdadeiro templo e somente por meio dele é que se pode elevar a Deus o verdadeiro culto — culto em espírito e verdade (Jo 4,23). Entre todos os pastores somente Jesus é o verdadeiro e bom pastor porque conhece suas ovelhas e estas o conhecem e ele pode dar a vida por elas. De fato, somente ele, ao realizar sua missão, ao cumprir a vontade do Pai, pode oferecer sua própria vida e retomá-la na sua ressurreição. E somente com ele é que há um verdadeiro conhecimento — conhecer é ter uma relação ativa e pessoal com o outro, de modo a saber no mais profundo quem ele é, o que pensa e o que quer de nós. E Jesus leva à plenitude este conhecimento dizendo que as ovelhas o conhecem e ele as conhece da mesma forma que ele conhece o Pai e o Pai o conhece. Isto quer dizer que Jesus nos conhece e conosco se relaciona interpessoalmente de modo a realizar a mais íntima relação possível como aquela que existe entre ele e o Pai desde toda a eternidade. E é esta união, esta unidade que Jesus quer que exista entre os homens, que exista na sua Igreja de modo que haja um só rebanho e um só pastor (v. 16). É vivendo na unidade que testemunharemos que Deus está conosco e que ele nos salvou em Jesus ressuscitado.

#### **Comentário:**

Neste quarto domingo, domingo do Cristo pastor, a nossa reflexão se volta para mais um modo de concretizar o mistério pascal em nossa comunidade — vivendo a unidade e a comunhão. Sabemos e temos experiência da divisão entre os homens de nosso tempo — são as diversas ideologias, facções políticas, classes sociais etc. Tudo isso impede o homem de sentir-se verdadeiramente filho de Deus (2.<sup>a</sup> leitura) e de ter a felicidade querida por Deus para seus filhos. Ainda se faz presente no mundo o mercenário que subjuga as ovelhas, que quer somente tirar proveito em seu favor e não quer conhecê-las, ter um relacionamento fraterno com elas. Hoje, diante deste quadro, Jesus é o guia, ele é o pastor que dá a vida pelas suas ovelhas, ele é a pedra angular sem a qual não se pode edificar (1.<sup>a</sup> leitura), é ele a certeza de que uma nova vida renasce porque ele deu sua vida por nós e a retomou com sua ressurreição e por isso os homens podem viver na unidade. Sejamos unidos e manifestemos ao mundo Jesus vivo e atuante no meio dos homens de boa vontade.

**Dia 25, 2<sup>af.</sup>:** 1 Pd 5,5b-14; Mc 16,15-20. **Dia 26, 3<sup>af.</sup>:** At 11,19-26; Jo 10,22-30. **Dia 27, 4<sup>af.</sup>:** At 12,24-13,5a; Jo 12,44-50. **Dia 28, 5<sup>af.</sup>:** At 13,13-25; Jo 13,16-20. **Dia 29, 6<sup>af.</sup>:** At 13,26-33; Jo 14,1-6 ou prs 1Jo 1,5-2,2; Mt 11,25-30. **Dia 30, SÁBADO:** At 13,44-52; Jo 14,7-14.

# SODOMA E GOMORRA

## (Gn 18 e 19)

Coloque nos tracinhos numerados abaixo o que se pede ao lado dos mesmos.  
 Uma vez preenchidos os tracinhos, transporte as letras para o diagrama seguindo o número que lhe é correspondente.  
 Você obterá uma frase do capítulo 18 versículos 24 e 32 do livro do Gênesis.  
 (O trecho extraído é da Bíblia da AVE MARIA)

20	01	48	52							
02	96	11	84	74						
21	90	41	110	34						
03	36	104	68	86						
42	55	12	65	81						
100	27	10	109	61						
39	08	59	99	32	47					
44	30	103	88	58	82					
107	62	28	13	76	83					
14	37	25	95	70	101					
46	49	75	22	97	15					
04	106	54	89	85	57	78				
63	79	05	19	92	45	33	29			
94	67	43	23	31	72	51	18			
77	24	06	40	102	98	108	26			
60	38	53	71	80	17	69	07	64		
93	16	87	56	91	73	66	105	50	09	35

- Mensageiro, enviado de Deus (Gn 19,1).
- Qualidade do deserto. Região seca e estéril.
- Pó, resíduo do fogo (Gn 18,27).
- Região coberta de vegetação no meio de um grande deserto.
- Ato ou efeito de cair; culpa; pecado.
- Todas as coisas criadas por Deus (Gn 1,20).
- Pilar que sustenta um telhado (Gn 19,26).
- Sublime, puro, elevado, celeste.
- Descendente de Sem, raça a que pertenciam Abraão e Lot.
- Uma das cidades destruídas por Deus (Gn 18,16).
- Principal peça de vestuário de Abraão e Lot.
- Tamanho da cidade de Segor, onde Lot se refugiou (Gn 19,20).
- Forma de Deus participar na vida do povo, existência de Deus em suas criaturas.
- Que revela prudência, moderado.
- Qualidade do que é pouco vulgar, raro.
- Sentado, acomodado (Gn 18,1).
- Pedido, rogo, oração por outro. A oração, o pedido dos bons pode obter a misericórdia de Deus para outros. Lot será salvo pelo pedido de Abraão (Gn 18,23-33).

### ABRAÃO

	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20		
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38					
39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56					
57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79
	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93								
94	95	96	97	98	99	100	101	102	103	104	105	106	107	108	109	110						

?'' (Gn 18,24)

'' (Gn 18,32)



**O ESPÍRITO SANTO E A LIBERTAÇÃO** - José Comblin, Editora Vozes, 231 p. De uns tempos para cá, é que estão sendo publicados alguns livros sobre o Espírito Santo, o Grande Desconhecido. A re-leitura dos textos bíblicos, feita pelo autor, o fez descobrir a importância do Espírito Santo na fundação e organização das primeiras comunidades. O autor apresenta, em sínteses históricas, a missão do Divino Paráclito no mundo, na história da Igreja, na vida pessoal dos cristãos e no seio da Trindade Santíssima. Mostra que o espírito Santo foi e é um ser íntimo de nossa vida cotidiana.

**A VERDADE QUE LIBERTA** - Maria de Lourdes Ganzarolli de Oliveira, Livraria Agir Editora, 95 p. A autora, que é assistente social e educadora, analisa à luz da fé temas como pecado, morte, sexo, sentido da vida, fazendo paralelos entre religião e psicanálise. Há um capítulo dedicado a Freud no qual ela considera o mesmo como mito. O tema central é o equilíbrio psíquico baseado na doutrina espiritual e na retidão de caráter. Livro indicado para pais, professores, educadores e religiosos.

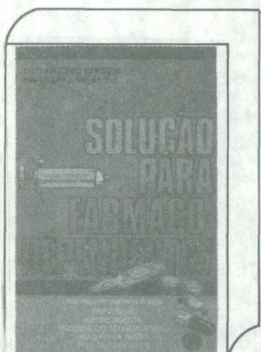


**FÉ E VIDA CRESCEM JUNTAS** - Iris M. Boff Serbena, Edições Paulinas, 190 p. É muito importante a educação para a fé na criança de 0 a 4 anos, pois Deus é assimilado pela criança de maneira certa ou errada nessa faixa etária e principalmente através do que os pais falam e vivem. Este livro foi escrito com as experiências diárias da autora, conduzindo o leitor a compreender a relação fé-vida de maneira vital e dinâmica. A conclusão é de que a educação é mais completa quando se tem o apoio da fé.

**DROGA: CAMINHO PARA O NADA** - Equipe Editorial Claretiana, AM edições, 136 p. Este livro mostra tudo aquilo que pode constituir um programa prático de vida e os vários elementos que devem ser considerados para que se retorne o rumo da vida desviada. O drama que o jovem, o adolescente, ou até mesmo a criança vive por desamor, os leva a procurar nas drogas a libertação de sua própria solidão. O livro dá sugestão de como o Evangelho e os salmos são um antídoto contra esse mal.

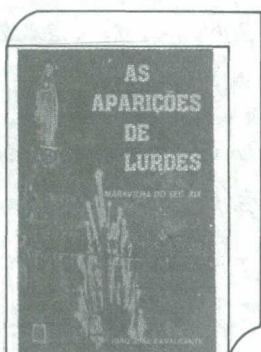


**EDUCAÇÃO, ESTADO E PODER** - Fábio Konder Comparato, Editora Brasiliense, 120 p. O livro é resultado de três palestras proferidas pelo professor Fábio Konder Comparato em 86 na Faculdade de Educação da USP. Analisa a educação ao longo da República; discute posições contraditórias do ensino como descentralização e centralização, elitização ou massificação e ainda apresenta propostas para tornar o ensino mais democrático. Indicado a todos da área de Educação, História e Política.



**SOLUÇÃO PARA FARMACODEPENDENTES** - Luís Antonio Correia e Haroldo Rahm, Edições Loyola, 189 p. O vício com drogas e bebidas, sem dúvida nenhuma, é uma das causas das violências de hoje. Este livro é de valor incalculável para aqueles que têm em suas famílias viciados cu são eles próprios viciados. O livro está dividido em duas partes: a primeira mostra a maneira prática para se tratar dos toxicômanos e alcoólatras e a segunda trata de prevenção e de como funcionam os centros de recuperação de Campinas.

**A JUSTIÇA QUE BROTA DA FÉ** - J. I. González Faus e outros, Edições Loyola, 183 p. — A prática da justiça e critério de identidade resgatada para o cristianismo (1.ª parte do livro), contextura cosmovisional (2.ª parte), e da possibilidade de ser autenticamente vivido (3.ª parte). Esta obra é fruto de um seminário no qual todos assumem a responsabilidade de suas partes e também da obra inteira. A paz real é fruto da justiça para todos estabelecida. Esta a idéia central do livro.



**AS APARIÇÕES DE LOURDES, MARAVILHAS DO SÉCULO XIX** - Pe. João José Cavalcante, Editora Santuário, 106 p. O autor nos apresenta a mensagem da Virgem e a vida de Santa Bernadette, mais os prodígios e cenas que em Lourdes acontecem desafiando as conhecidas forças da natureza, os poderes parapsicológicos, as situações neuropsíquicas ou funcionais. São fatos que, se forem negados (aqueles comprovados cientificamente e religiosamente), demonstram falta de bom senso por parte do incrédulo. A verdade de Lourdes está aí desafiando os crentes e os não-crentes.

**NÃO ME MATE, MAMÃE!** - Ardens, Editora Regnum Dei, 70 p. "O primeiro direito de uma pessoa é a sua vida. Ela tem outros bens e alguns deles preciosos; mas este — o da vida — é fundamental, condição de todos os demais. Por isso deve ele, mais do que qualquer outro, ser protegido." Eis um texto que, através de algumas reflexões de caráter espiritual, nos leva a descobrir e valorizar o ser humano como criatura de Deus, feito "à sua imagem e semelhança". É um "diário misterioso" no qual o Autor quer penetrar o "misterio" da vida através do que vive, sente, pensa um feto antes de vir à luz.



**O EVANGELHO** - Ed. Regnum Dei - 414 p. Texto integral dos quatro evangelhos enriquecido com 136 ilustrações e 43 gráficos que localizam facilmente os acontecimentos relativos à vida de Jesus. Uma ampla introdução e as numerosas notas sobre religião, cultura, sociedade, política etc. permitem uma compreensão mais fundamentada das atitudes de Jesus para com o meio e as consequências que estas implicam. O texto é estruturado em sinopse (atualmente única no Brasil). Destaca diferenças e paralelismos existentes, para assim evidenciar o enfoque específico com que cada evangelista nos transmite o "evento" Jesus Cristo.



Assinale nos quadrinhos a quantidade de livros desejados e remeta este cupom para:

LIVRARIA "AVE MARIA"  
Cx. Postal 54.215  
01226 — SÃO PAULO

(Tels.: 66-0582 e 825-0700)

- O ESPÍRITO SANTO E A LIBERTAÇÃO ..... Cz\$ 560,00
- A VERDADE QUE LIBERTA ..... Cz\$ 300,00
- FÉ E VIDA CRESCEM JUNTAS ..... Cz\$ 240,00
- DROGA: CAMINHO PARA O NADA..... Cz\$ 250,00
- EDUCAÇÃO, ESTADO E PODER ..... Cz\$ 330,00
- SOLUÇÃO PARA FARMACODEPENDENTES ... Cz\$ 290,00

- JUSTIÇA QUE BROTA DA FÉ ..... Cz\$ 165,00
- AS APARIÇÕES DE LOURDES, MARAVILHAS DO SÉCULO XIX ..... Cz\$ 130,00
- NÃO ME MATE, MAMÃE! ..... Cz\$ 80,00
- O EVANGELHO ..... Cz\$ 200,00

Nome: \_\_\_\_\_  
Rua \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_  
Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_  
CEP \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

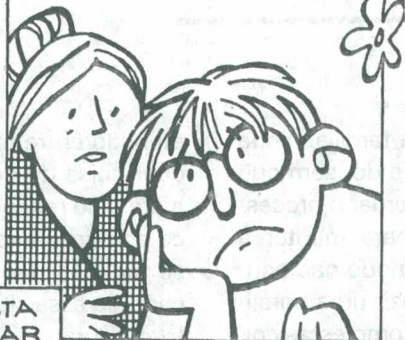
Obs.: Atendemos por Reembolso Postal. Pedidos de valor inferior a Cz\$ 50,00 deverão vir acompanhados do respectivo pagamento, por vale postal ou selos novos do Correio.



# QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

(Recado do Cortês)

POR QUE ESTÁ  
TRISTE, TOMÉ?



PORQUE ME CUSTA  
A CRER, APESAR  
DE TER VISTO  
AS CHAGAS E  
OS PREGOS...



TUDO BEM, POIS  
ENTÃO NÃO PRECISA  
ACREDITAR...



...MUITO MAIS IMPOR-  
TANTE DO QUE A  
FE É A ALEGRIA!



POR QUE VOCÊS ESTÃO  
TÃO TRISTES?

PORQUE MATARAM  
JESUS...



ENTÃO VOCÊS NÃO SABEM  
QUE O MESSIAS TINHA MESMO  
DE PADECER, CONFORME DIZEM  
AS SAGRADAS ESCRITURAS?



VOU EXPLICAR A  
VOCÊS PELO CAMINHO,  
COMEÇANDO POR  
MOISÉS E OS  
PROFETAS...



APERTE O  
PASSO, LUCAS.  
ESSE CARA É  
PROTESTANTE...



---

# CASTIGO E recompensa

---

Isso é uma coisa muito prática. Saber castigar e recompensar nos momentos certos. É uma forma de ajudar.

Nossos pais e avós sabiam muito bem fazer isso. Usaram esse processo conosco quando éramos crianças e nos ajudaram muito. Conduziram-nos. Adestraram-nos. Fizem de nós gente convivível nesta sociedade. É uma forma muito extrínseca de ajudar. Você conduz de fora. Ou é conduzido de fora. Mas funciona.

Acontece que funciona também com adultos. Somos condicionados por recompensas positivas e negativas, até mesmo sem nos darmos conta.

Um casal que só consegue momentos felizes na hora de uma reconciliação depois de uma briga feia, e que fora desses momentos somente tem uma vida cheia de tédio ou de tensão, terá que brigar sempre para obter instantes de felicidade. Enquanto eles não se derem conta desse esquema em que são condicionados a brigar, pela recompensa de instantes felizes, dificilmente procurarão outras maneiras de satisfação, ou outro modo de viver mais realizador. E se queixarão sempre que brigam demais, às vezes por motivos bobos, e que não sabem o que se passa com eles. Quando na realidade o que se passa, no fundo, é mais sério do que brigas: é que estão levando uma vida cheia de tédio e sem muito sentido. É isso que dá aos instantes alegres da reconciliação o poder condicionador.

Uma pessoa que com a sua doença consegue obter uma atenção enor-

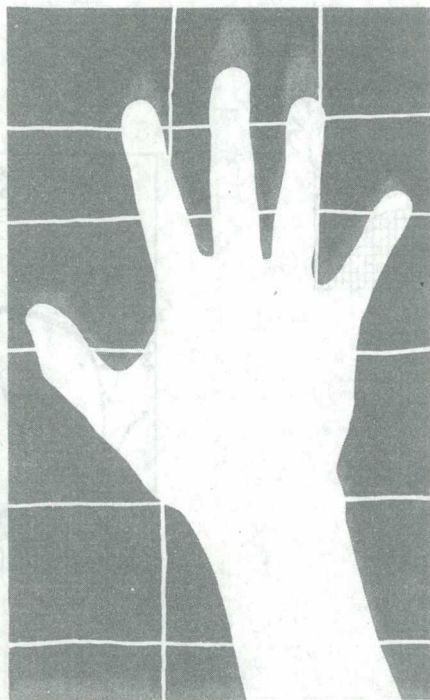
me por parte de toda a família, ainda que seja sob a forma de dó, sem que saiba por quê, pode retardar o processo de cura. É claro, para manter a atenção que de outro modo não conseguia. Pode até produzir uma paralisia histérica. É incrível como estas coisas podem ter repercussões até fisiológicas. A atenção que recebe mantém a doença e retarda a cura. Esse retardamento é então condicionado, e a pessoa pode não se dar conta. Mas o problema mais profundo é que a pessoa não encontrou ainda, ou não aceitou, seu lugar afetivo dentro da família. Sente-se talvez rejeitada ou desprezada, quem sabe, por exemplo, pelo fato de a mãe ter que dividir sua

atenção entre muitos filhos, ou qualquer coisa do gênero. É por isso que a atenção recebida pelo fato da doença adquire tanto poder assim, torna-se tão importante, a ponto de provocar toda essa situação de retardamento de cura.

Se você se propõe a ouvir alguém que tem problemas, e você se mostra muito simpático e acolhedor, pode ser que a pessoa invente sempre mais problemas só para poder vir novamente falar com você. Tudo isso sem se dar conta, naturalmente. Mas o problema mais profundo é que a pessoa não tem ninguém simpático e acolhedor na sua vida. É uma pessoa tristemente só. E por isso precisa de você. Se todas as coisas não forem esclarecidas, cria-se um relacionamento incrivelmente ambíguo e difícil. E você não estará ajudando a pessoa a superar o seu problema. Estará apenas sendo um paliativo.

De grande valia pode ser desmontar esses mecanismos todos e pôr o dedo em cima dos verdadeiros problemas. Você pode ajudar muito se colocar o diálogo nessa direção, de tal modo que a pessoa chegue a se dar conta do que se passa. E então ter melhores condições para uma opção.

Castigos e recompensas os mais variados sempre estão presentes em nossas vidas, e determinam nosso modo de ser. Mas às vezes certas coisas funcionam como recompensa, e sua falta como castigo, porque não nos abrimos ainda para outras muito mais importantes e maiores. ●



Mauro M. AmatuZZi

2 medidas rasas ou  
1 punhado de açúcar

1 medida rasa ou 1 pitada  
de 3 dedos de sal

# Contra a diarreia, esta receita vale uma vida.

1 copo de água limpa

A diarreia mata neste país. Mata porque provoca a desidratação. Mata 60.000 crianças por ano. Um quadro quase que irreversível não fosse a reidratação oral: uma forma de se devolver ao corpo da criança desidratada todo o líquido perdido. E existe um tipo de reidratação ao alcance da população sem recursos. Um remédio caseiro e muito eficaz. O Soro Caseiro. Para que todas as crianças tenham vida, a CNBB — através da Pastoral da Criança e com o apoio do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, da Sociedade Brasileira de Pediatria, e do

Unicef — está lançando a Campanha do Soro Caseiro. Com a distribuição de colheres e medidas para o preparo do soro. Disponível nas igrejas e suas comunidades, e uma ampla divulgação nos meios de comunicação, esta campanha vai ensinar o povo a combater o pior da diarreia: a morte. E pensar que isso é possível com uma simples receita caseira.

Campanha  
do Soro  
Caseiro 



Apoio: Conselho Nacional de Igrejas Cristãs  
Sociedade Brasileira de Pediatria  
UNICEF  
Conselho Nacional de Propaganda

# A GRANDEZA DO CALVÁRIO

*Grandes foram, ó Maria, os teus passos durante a tua caminhada sobre a terra árida. Com alegria te contemplamos no silêncio de Nazaré na espera do anúncio, e na tua resposta generosa ao convite do Senhor.*

*Nós te louvamos, Maria, quando pensamos em ti, ajoelhada na gruta de Belém, adorando o teu Deus e teu filho, permanecendo esperançosa durante a tua fuga pelos atalhos da Palestina até o Egito, para que o Cristo pudesse continuar a viver.*

*Nós te sentimos preocupada, cheia de carinho e delicadeza, na busca do teu filho, durante três dias, e quando o encontras no templo, o teu olhar o ama ainda mais!*

*Particularmente, Maria, te sentimos presente e viva na estrada do Calvário, quando todos fugiram e abandonaram o Mestre, o Salvador, tu estavas presente com a força do teu amor materno, tu carregaste a cruz com teu filho, não uma cruz de madeira, mas a cruz pesada, esmagadora da dor profunda no coração.*

*A tua grandeza, Maria, assume proporções universais no cimo do Calvário, onde tu estavas presente com uma dignidade única, sem medo de encarar nos olhos os assassinos do teu Cristo, sem medo de ser afastada no momento da crucificação e da morte.*

*Tu, ó Maria, continuas a permanecer presente nos muitos "Calvários" semeados por este mundo afora, onde outros cristos estão sendo crucificados da mesma maneira, com a mesma brutalidade com que mataram o primeiro Cristo da história. Teu lugar não é o Tabor, mas o Calvário.*

*Permanece sempre de pé perto de cruzes que se erguem nos calvários de hoje:*

*nos milhares de cadeias no mundo inteiro, onde nossos irmãos sofrem e são torturados no corpo, nas incontáveis favelas, que são a infâmia do continente latino-americano e do nosso Brasil, onde milhões de seres humanos vivem uma vida subumana nos hospitais, onde os doentes são tratados como objeto de laboratório, e não como irmãos, onde para os pobres não há médico nem remédio, nas casas onde reina a desunião, onde não há compreensão e amor, onde o sofrimento torna-se sempre mais penetrante e destruidor da alegria humana.*



*Fica conosco, ó Maria, em cada momento, para que, carregando a nossa cruz, não sejamos esmagados e reduzidos a farrapos que nada valem. Apresentar-se-á Maria como a mulher que, com sua ação, favoreceu a fé da comunidade apostólica em Cristo, e cuja função materna se dilatou, vindo a assumir no Calvário dimensões universais. Contigo, Maria, subiremos o Calvário com alegria, permaneceremos de pé perto da cruz, e o nosso sorriso não poderá ser apagado pelo mal.*

*Patrício Sciadini  
Ana Paula Coutinho*